

Jorge Madureira

**NOVOS RUMOS DA
SUSTENTABILIDADE E TURISMO DE
HABITAÇÃO/RURAL – A CASA DA
PEQUENINA/ABOIM DA NÓBREGA
VILA VERDE - BRAGA**

Dissertação

Mestrado Integrado em Arquitetura (MIA)

Setembro, 2020




Jorge Madureira

**NOVOS RUMOS DA
SUSTENTABILIDADE E TURISMO DE
HABITAÇÃO/RURAL – A CASA DA
PEQUENINA/ABOIM DA NÓBREGA
VILA VERDE - BRAGA**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, realizada sob a orientação científica de Arquiteto Michele Cannatá

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,



Porto, 30 de setembro de 2020

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

O orientador,

Porto, 30 de setembro de 2020

Aos meus pais e aos meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

Na conclusão de um trabalho desta dimensão, percebo que não só representa a conclusão dos meus estudos, mas também resume toda a ajuda e apoio que recebi ao longo da minha vida escolar. Será difícil agradecer a todos e corro sempre o risco de deixar alguns de fora, mas deixo aqui o meu agradecimento público, principalmente aos meus pais, por tudo o que fizeram por mim, até hoje. Agradeço ainda a familiares e amigos, particularmente àqueles que me ajudaram no envolvimento final dissertação e perceberam a minha necessidade em por vezes me ausentar em nome desta dissertação.

Neste momento, relembro também todos os que me apoiaram e ajudaram ao longo do meu percurso académico e particularmente aos que estiveram presentes nos anos passados nesta instituição em que agora presto provas: colegas, professores, funcionários e muitos outros que no dia-a-dia me ajudaram a superar e ser melhor. A todos eles o meu obrigado.

De um modo muito particular, também o meu agradecimento àqueles a quem e dirigi, todos os funcionários da ESAP, Escola Superior Artística do Porto, nomeadamente pessoal administrativo, funcionários da biblioteca, contínuos, entre outros, que permitiram a recolha de informação sobre Aboim da Nóbrega.

Por último, esta Dissertação nunca teria chegado ao fim, se não fosse a total dedicação, disponibilidade e o saber do Orientador, Prof. Arq. Michele Cannatá, que sempre procurou incutir o modelo de investigação científico, e fomentar o interesse pela área escolhida para a Dissertação.

Resumo

Novos Rumos da Sustentabilidade e Turismo de Habitação/Rural – A Casa da Pequenina/Aboim da Nóbrega.

Jorge Madureira

PALAVRAS – CHAVE: Aldeia, Aboim da Nóbrega, Ativo, Sustentabilidade, Permacultura, Turismo Rural.

RESUMO

O presente trabalho de investigação aborda a implementação de uma exploração de turismo em espaço rural, em Aboim da Nóbrega, lugar de Vila Verde, um lugar quase abandonado.

A escolha deste trabalho foi motivada pelo conhecimento prévio da propriedade onde se pretende implementar o Turismo em Espaço Rural, numa grande propriedade que outrora ali existiu, e que agora se encontra praticamente na sua totalidade abandonada e em risco de ruína – a Casa da Pequenina.

Este trabalho aborda a sustentabilidade de um edificado datado de 1828, como uma exploração de carácter turístico e propõem-se soluções de sustentabilidade, nomeadamente a Permacultura e o Turismo Rural. Desta forma procura-se combater a deslocalização de pessoas, melhoramento do meio ambiente e criar/inovar um ponto de desenvolvimento para a freguesia.

Caracteriza-se a povoação de Aboim da Nóbrega e seu enquadramento natural e geográfico fundamentando assim, a necessidade de implementação de um espaço que seja vivenciado, ao mesmo tempo que se promova o turismo, criando um polo dinamizador para um reinventar do espaço rural de Aboim da Nóbrega.

Finalmente explora-se a implementação de uma exploração de Turismo de Aldeia em Aboim da Nóbrega.

Abstract

Novos Rumos da Sustentabilidade e Turismo de Habitação/Rural – A Casa da Pequenina/Aboim da Nóbrega.

Jorge Madureira

KEY WORDS: Village, Aboim da Nóbrega, Active, Sustainability, Permaculture, Rural tourism.

Abstract

This research work addresses the implementation of a tourism exploration in rural areas, in Aboim da Nóbrega, in Vila Verde, an almost abandoned place. The choice of this work was motivated by the prior knowledge of the property where it is intended to implement Tourism in Rural Space, in a large property that once existed there, and which is now almost entirely abandoned and in danger of ruin - Casa da Pequenina. This work addresses the sustainability of a building dated 1828, as an exploration of a tourist nature and proposes solutions for sustainability, namely Permaculture and Rural Tourism. In this way, we seek to combat the relocation of people, improve the environment and create / innovate a development point for the parish. The village of Aboim da Nóbrega is characterized and its natural and geographic setting thus founding the need to implement a space that is experienced, while promoting tourism, creating a dynamic pole for a reinventing of the rural space of Aboim of Nóbrega. Finally, the implementation of an exploration of Village Tourism in Aboim da Nóbrega is explored.

Índice

LISTA DE SIGLAS e ABREVIATURAS.....	15
Capítulo 1 - Introdução.....	17
Objetivos.....	17
Motivação.....	17
Metodologia.....	17
Estrutura.....	18
Capítulo 2 – Sustentabilidade e permacultura.	21
2.1. Permacultura.....	21
2.2. Turismo Rural e Rurbanidade.....	26
2.3. Permacultura e Turismo Rural – Uma receita de sustentabilidade.....	31
CAPÍTULO 3 – Caso de estudo: Aboim da Nóbrega.....	37
3.1 – Localização.....	37
3.2 – Espaço físico natural (clima, morfologia e hidrografia).....	38
3.3 – Análise demográfica de Aboim da Nóbrega.....	39
3.4 – Diversidade patrimonial em Aboim da Nóbrega.....	41
3.5 - A diversidade funcional de Aboim na atualidade.....	42
3.6 – Análise SWOT.....	46
3.7 - Planeamento e Ações de Intervenção.....	48
CAPÍTULO 4 – Maquete Final.....	51
CAPÍTULO 5 – CONCLUSÃO.....	53
5.1 – Conclusões Finais.....	53
5.2 – Propostas para futuros trabalhos de investigação.....	54
BIBLIOGRAFIA.....	57
ANEXOS.....	65

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Evolução do nº de camas dos estabelecimentos por modalidade	30
Gráfico 2 - Evolução anual do número médio de dormidas por estabelecimento (2007-2015)	33
Gráfico 3 - Distribuição de Projetos TER apoiados pelo LEADER+	34
Gráfico 4 - Distribuição da População por Classe Etária (INE, 2011)	40
Gráfico 5 - Distribuição da População por Setores da Atividade (ATAHCA, Ambiente, Património e Sistemas Produtivos, 2018).....	43

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Nível da Instrução da População Residente	40
Tabela 2 - Índice de Atividade/Desemprego	43
Tabela 3 - Distribuição das Superfícies Agrícolas e das Explorações Agrícolas em Aboim da Nóbrega	45

LISTA DE SIGLAS e ABREVIATURAS

ATAHCA – Associação das Terras Altas do Homem e do Cávado

FEDER – Fundo Europeu de Desenvolvimento Económico Regional

PDM – Plano Diretor Municipal

SiFit – Sistema de Incentivos Financeiros ao Investimento no Turismo

SiVetur – Sistema de incentivos a produtos turísticos de vocação estratégica

SWOT – Strengths, Weaknesses/Limitations, Opportunities, and Threats

TER – Turismo em Espaço rural

Capítulo 1 - Introdução

Neste trabalho, como tema de Dissertação escolheu-se realizar um estudo para Turismo em Espaço Rural, em Aboim da Nóbrega, optou-se por reforçar o projeto com propostas de sustentabilidade para o mesmo. Às necessidades sociais, juntam-se necessidades demográficas, económicas e ambientais a que urge responder neste início de século. O mote para esta dissertação passa pela procura de novas metodologias que respondam a problemas antigos e a novas necessidades. A intensidade do envelhecimento, os aspetos que envolve, assim como os novos desafios e oportunidades que se deparam.

Objetivos

Os objetivos que se pretendem alcançar com este trabalho são remodelar, reabilitar e recuperar, os edifícios abandonados na referida aldeia, para nela se criar uma instalação de Turismo no Espaço Rural, que nos fale do passado e da vida que teve aquela aldeia, para memória de todos quantos queiram saber do seu passado. Ao mesmo tempo pretende-se contribuir com propostas de sustentabilidade para o equipamento proposto, à luz de novas metodologias, tais como restauro do edificado, organizando habitações familiares para a finalidade de turismo rural e um restaurante com parque de estacionamento para assim melhor servir quem visita o espaço.

Motivação

A necessidade de realizar este trabalho, surge de uma visita ao local e, posteriormente, de uma análise e do estudo profundo da terra e dos vestígios de edifícios antigos. Estes vestígios revelaram que Aboim da Nóbrega, tinha sido uma aldeia dinâmica e habitada. Hoje, Aboim da Nóbrega é uma aldeia desertificada e é aí que nasce o que se pretende compreender e aprofundar: as causas da sua desertificação e as novas dinâmicas que a partir daí se podem criar.

No entanto, os tempos atuais implicam encontrar uma sustentabilidade para o projeto que o torne estável e independente, procurando-se assim propostas de viabilidade e até, novas metodologias para este género de equipamento.

Metodologia

A metodologia utilizada, assentará essencialmente na pesquisa bibliográfica, sem descurar a auscultação de representantes da população e o diálogo com intervenientes em processos similares.

Também se pretende consultar os autarcas locais, o PDM, assim como plantas antigas, para uma melhor análise da localidade.

Na pesquisa, pretende-se rever opiniões e estudos recentes na área do turismo para perceber o que se tem feito de inovador na mesma.

Estrutura

A estrutura do presente trabalho resume-se, em termos estruturais, aos seguintes capítulos e assuntos:

Capítulo 1 – neste capítulo apresenta-se, grosso modo, uma introdução geral, onde se apresenta de forma concreta e sucinta os objetivos, a motivação a metodologia utilizada e a estrutura.

Capítulo 2 dedica-se este capítulo à abordagem de políticas e ideias que permitam a sustentabilidade de uma instalação de turismo em contexto rural. Inicia-se a abordagem de forma conservadora, tentando perceber o papel social do projeto, o enquadramento económico e como agir para tornar este tipo de equipamento autónomo, bem como tentando perceber as funções deste e as dimensões sociais do mesmo. Segue-se uma proposta de viabilidade, mais ousada em que se aborda a permacultura como forma de aumentar a sustentabilidade e diminuir o impacto ambiental do mesmo. Define-se permacultura e explica-se como atuar dentro desta para obter benefícios para a instalação em causa.

Continuando com propostas para a sustentabilidade, explora-se o Turismo Rural, inventariando-se o seu impacto económico e investigando-se onde maior é o seu impacto e implantação. Finalmente tenta-se conjugar todas as propostas para mostrar a viabilidade de um projeto assente em participações sociais, mas também em fontes financeiras inovadoras na área e capazes de proporcionar uma desejada independência financeira para o projeto.

Capítulo 3 – Aqui se aglomeram as propostas e soluções dos capítulos dois e três, através da formalização de uma proposta de projeto para Turismo Rural em Aboim da Nóbrega, que se pretende sustentável, servindo a comunidade local e ao mesmo tempo servindo de pólo de atração turística e conseqüentemente, um pólo dinamizador do local. Neste sentido, divide-se o capítulo em vários temas: localização, espaço físico natural (clima, morfologia e hidrografia), análise demográfica, diversidade patrimonial, diversidade funcional, revitalizar/dinamizar o espaço rural.

Capítulo 4- Aqui apresenta-se as imagens da maquete final da tese.

Capítulo 5 – Neste capítulo efetua-se um balanço de tudo o que se abordou atrás, fundamentando assim a conclusão do presente trabalho e lançando propostas para futuras investigações.

Capítulo 2 – Sustentabilidade e permacultura.

2.1. Permacultura

O conceito de permacultura tem origem na Austrália, por volta de 1974, e foi criado pelos ecologistas australianos Bill Mollison e David Holmgren, que nas suas obras “Permaculture one” e “Permacultura two” definiram e desenvolveram o conceito a partir das suas experiências na área da ecologia e de estudo do ambiente. Recorrendo à wikipédia, pode-se encontrar a definição de permacultura como um método holístico para planear, atualizar e manter sistemas de escala humana (jardins, vilas, aldeias e comunidades) ambientalmente sustentáveis, socialmente justos e financeiramente viáveis (Wikipedia). Lendo os autores da ideia, o termo resulta do conceito de “permanente agricultura” e mais tarde, o mesmo foi expandido no sentido de referenciar “permanente cultura”. **(Figura 1 – Política da Permacultura (Ambiental, 2015), do Anexo)**

A filosofia subjacente à permacultura implica operar com a natureza, em lugar de contra a natureza (Mollison, 1988, p. 9), ou seja, o individuo deve desenvolver toda a sua sustentabilidade, de forma a que esta esteja integrada no meio em que habita, cultivando o que é próprio do local e de acordo com o calendário climático, evitando assim estufas. Por exemplo – o mesmo se podendo aplicar a outras atividades associadas à agricultura como a pastorícia, caça e pesca. Mollison, um dos autores do conceito, refere mesmo a integração harmonizada de pessoas e paisagem que as integra, permitindo que a população obtenha alimento, energia, abrigo e outros recursos de forma sustentável (Mollison, 1988, p. 9); Holmgren, coautor do conceito, define permacultura como “...sistema integrado de espécies animais e vegetais perenes ou que se perpetuam naturalmente e são úteis aos seres humanos” (Holmgren, p. 3). Sendo um conceito lato, como o próprio Holmgren reconhece, ele deve ser acima de tudo uma forma de pensar e atuar, reunindo-se ideias, habilidades e experiências de vida que devem ser repensadas, redefinidas e reestruturadas à luz do conceito de permacultura (Holmgren, p. 3). **(Figura 2 – Planeamento da Permacultura (Natureza, 2015), do Anexo)**

É importante perceber que o conceito não se destina apenas a abordar a agricultura ou a pastorícia, a permacultura implica uma abordagem global e interativa em que se pretende articular as diversas atividades de forma harmoniosa, sendo sempre o objetivo principal prover as necessidades de uma comunidade, ao mesmo tempo que se aumenta o capital ambiental para futuras gerações (Holmgren, p. 3).

Holmgren propõe o mesmo conceito, o gráfico abaixo apresentado, ajuda a definir permacultura e as diversas áreas de ação da mesma. **(Figura 3 – A Flor da Permacultura (Halmgren p.2), do Anexo)**

Percebe-se claramente que a permacultura age não só sobre métodos naturais, como o cultivo das terras, mas também em formas de interagir com tecnologia, o transporte, por exemplo com ideias e conceitos, como a posse de terrenos, etc. O autor destaca ainda a permacultura como uma rede de pessoas e grupos que trocam experiências e difundem a ideia de permacultura e os princípios a ela associados, como a autorregulação do consumo, a gestão do meio, a sustentabilidade, etc.

A permacultura defende éticas, tais como:

- Cuidar da Terra
- Cuidar das pessoas
- Partilha Justa

Inicialmente estes princípios não estavam descritos sendo desenvolvidos com o evoluir e aprofundar do conceito. A ordem subjacente a estes princípios faz perceber que a Terra enquanto planeta que habitamos é o mais importante, vindo depois as pessoas e finalmente a partilha justa, que se pode definir como uma sociedade mais equilibrada.

Holmgren defende ainda uma dúzia de princípios de design que, segundo o autor, definem a permacultura, eles são:

- Observe e interaja
- Capte e armazene energia
- Obtenha rendimento
- Pratique a autorregulação e aceite feedback
- Use e valorize os serviços e recursos renováveis
- Não produza desperdícios
- Design partindo de padrões para chegar aos detalhes
- Integrar ao invés de segregar
- Use soluções pequenas e lentas
- Use e valorize a diversidade
- Use as bordas e valorize os elementos marginais

- Use criativamente e responda às mudanças

Através destes princípios, Holmgren estabelece formas de agir e proceder dentro do espírito da permacultura (Holmgren, pp. 10-26), embora reconheça que muitos seguidores do conceito não adotam os mesmos princípios que ele (Holmgren, p. 10). Isto é natural e aceitável pois, a permacultura implica um espírito aberto e não dogmático ou hermético pelo que os princípios a adoptar em cada caso podem, naturalmente, variar.

É claro que, embora Holmgren e Mollison sejam coautores da ideia, com o tempo divergiram na forma como a interpretam. Se Holmgren mostra uma perspectiva mais lógica, mais voltado para a engenharia, com um pensamento estruturado, Mollison revela-se menos estruturado e por vezes até reducionista em termos de condições de vida. Um bom exemplo passa pela ética em que Mollison adopta estabelecer limites à população e consumo (Mollison, 1988, p. 14) por oposição à “partilha justa” de Holmgren. Em ambos os casos procura-se combater uma agricultura intensiva, um consumo exagerado de combustíveis fósseis e toda a degradação ambiental que daí advém, mas também formas de vida e hábitos que os autores consideram contrários ao ser humano.

Holmgren encontra impedimentos à permacultura e à implantação de soluções ecológicas de desenvolvimento, considerando que as principais são (Holmgren, p. 4):

- Uma cultura científica reducionista
- A cultura dominante do consumismo e de conceitos de bem-estar e progresso;
- Elites políticas, económicas e sociais que correm o risco de perder influência e poder no caso de adoção de novas medidas, ambientalmente mais sustentáveis.

Embora em algumas ideias a permacultura se possa confundir com algum ambientalismo fundamentalista, ela foca-se em criar oportunidades em lugar de obstáculos, agindo-se positivamente. É neste espírito que muitas das soluções propostas na permacultura podem resultar em pleno se exploradas num contexto de pequena economia ou mesma em regime puramente de uso privado, resultando no chamado “consumo sustentável” em que se consome o que se produz.

Claramente que este conceito implica um ambiente rural ou semirural e é completamente desadequado, por exemplo, alimentar a população de uma cidade pequena. É por o seu conceito resultar melhor no âmbito unipessoal, familiar ou até de pequena comunidade que a permacultura cada vez mais se destina a responder

às necessidades destes, procurando sempre soluções de pequenas dimensões e adotando outras soluções práticas e empreendedoras a pequena escala (Holmgren, p. 6). Nas figuras seguintes, podem-se observar duas imagens retiradas de “Permaculture - a designers manual” de Mollison em que se percebe claramente a sua interpretação da obtenção de um ovo pela forma industrial e pela permacultura (fig. 11). Em ambos os casos, existirá sempre uma componente industrial presente, mas a pegada ecológica de um caso e de outro é bem diferente, sendo a pegada bem menor no segundo caso. **(Figura 4 – Obtenção de um ovo pela forma industrial (Mollison, 1988, p. 24) e Figura 5 – Sua interpretação da obtenção de um ovo pela permacultura (Mollison, 1988, p.25), do Anexo)**

Através dos esquemas, bastante esclarecedores só por si, se percebe que se o primeiro caso possui, por um lado, uma maior pegada ecológica, por outro lado permite a produção em maior quantidade do bem pretendido e facilita a sua distribuição. No segundo caso, a pegada ecológica é claramente menor, mas as quantidades de produção só podem satisfazer uma menor comunidade. A permacultura se, por um lado, pode suprir as necessidades de uma pequena comunidade, por outro torna-se impensável o seu uso para zonas de elevada densidade populacional como uma cidade. No presente caso de estudo, tratase de uma pequena comunidade, pelo que a opção por ideias dentro da permacultura parece ser perfeitamente viável.

A evolução do conceito e o seu alargamento a outras esferas, permitem que a permacultura se faça tanto no meio urbano como no rural, podendo agir-se apenas ao nível ideológico ou de forma mais concreta. Em Portugal o conceito é novo, porém percebe-se uma maior implementação a noroeste, a sul do que a norte do país. **(Figura 6 – Rede da Permacultura em Portugal (Pilot. 2012) do Anexo)**

A melhor forma de estabelecer e criar contactos no âmbito da permacultura em Portugal, passa pelo sítio <http://permacultura.org.pt/>. Pode ainda observar-se um mapeamento de projetos nacionais no âmbito da permacultura no sítio <http://www.redeconvergir.net/v2>. Existe ainda outros sítios em que se relatam e trocam experiências como <http://permaculturaportugal.ning.com> ou <http://tpp.pt/> da Associação Transição e Permacultura Portugal.

O tema da permacultura é mais popular no Brasil, onde rapidamente foi transformado em “Agroecologia”, embora, face ao exposto até agora, pareça uma designação redutora, pois a atitude subjacente não se esgota no meio agrícola. Também do Brasil chega o termo “Ecovila”, que designa espaços eco amigáveis, de maiores dimensões, habitados por grupos e em que a permacultura domina. As

ecovilas referenciadas são poucas e misturam diversos conceitos, de referir a ecovila Lothlorien na Chapada Diamantina, Bahia, ou a Fundação Terra Mirim. Em Portugal está sinalizada a Tamera, no Alentejo, criada por alemães em 1995 (Biotope, 2000). Existe também um portal electrónico que permite descobrir e ligar mundialmente as ecovilas, trata-se do Global Ecovillage Network, mais popularizado por GEN (Network, 2002). **(Figura 7 – Rede da Permacultura no Brasil (Afonso F. 2012), do Anexo)**

Sejam de pequenas dimensões ou de maiores, como as ecovilas, estes são claros exemplos da permacultura adoptada por pessoas que pretendem começar a explorar a ideia, muitas vezes partindo dos centros citadinos e desenvolvendo uma nova forma de vida em ambiente rural, a chamada rurbanidade. Este neologismo tem origem na obra de Gilberto Freyre na metade da década de 70, na sua fase de investigação dos temas do pós-modernismo. Reivindica uma nova forma de uso do espaço físico pelo homem: a mistura entre a vida rural e a urbana, o fim do conceito de cidade como lugar do espaço a ser domado, feito de betão, metal e plástico. Entende-se por rurbanidade a existência e reconhecimento das características urbanas no meio rural, isto é, na cidade ideal há qualidade de vida, comércio, serviços, espaços de lazer, cultura e saúde, etc., enquanto no campo há a falta de quase tudo isto (Oliveira, 2010, p. 11) (Freire, 2009, p. 14), quando as características citadinas são reproduzidas no ambiente rural, está-se perante um exemplo de rurbanidade. De certa forma, é tudo aquilo que Frank Lloyd Wright previu já em 1932, no seu livro "A Cidade a Desaparecer", onde referia a necessidade de descentralização, de mudança de áreas populosas e congestionadas para a paisagem do campo (Pfeiffer, 2006, p. 87)

O conceito de rurbanidade tem vindo a ser reapropriado por geógrafos e cientistas sociais envolvidos na conceção de fórmulas para tornar factível a vivência em condições determinadas pelo desenvolvimento sustentável. Em geral, quem parte da cidade para o campo leva consigo o modo de vida urbano, no entanto, quem mora na cidade é também influenciado pela vida rural. A este respeito, observe-se o exemplo que Eça de Queirós dá em "A Cidade e as Serras". Jacinto que sai de Paris e vai para Tormes, em Baião, ao abandonar a vida citadina leva consigo, para o campo, as virtudes do mundo urbano. **(Figura 8 – Tormes, Baião (Araújo, 2012), do Anexo)**

Em Tormes instala a rede de telégrafo e o elevador, entre muitas outras maravilhas da civilização. Apesar disso, é a vida do campo quem acaba por mudar Jacinto. Numa tentativa de rurbanizar o campo, Jacinto acaba por ser conquistado por este. É mais o mundo rural quem o cativa do que propriamente as influências

que ele leva a esse mundo. É o caso do arroz de favas, um prato tipicamente rural, a que hoje se apelida de alimentação biológica e que se pode, não raras vezes, encontrar num qualquer restaurante da vila. Enfim, nesta obra, a título de exemplo, aquilo que Eça de Queiroz acaba por transmitir são as virtudes do mundo rural. As pessoas, saturadas da vida urbana e da poluição da mesma, procuram reconstruir a sua vida fora da cidade. Para isso, procuram na aldeia o silêncio, a paz e uma qualidade de vida que nunca tiveram na cidade (Medeiros, 2005, p. 80). Tem-se assim exemplos de pessoas que ao migrarem para o meio rural levam uma cultura e conhecimento urbano, mas que adotam ao meio rural, no fundo recriando conceitos ancestrais, através da permacultura.

Se for analisada a agricultura e forma de viver de muitas regiões rurais portuguesas, principalmente do interior, pode-se observar princípios já adotados pela permacultura e que resultam de uma exploração dos solos centenária, e em muitos casos mesmo milenar. Obviamente que o agricultor que sempre habitou em meio rural e com reduzida escolaridade, terá dificuldade em justificar cientificamente a rotatividade de culturas ou a escolha de uma sementeira por outra, e se o fizer, usará toda uma argumentação tradicional. O novo agricultor, adepto da permacultura poderá proceder da mesma maneira, mas terá justificações baseadas em princípios científicos, muitas vezes captados numa educação, formal e informal, urbana. **(Figura 9 – Permacultura, Rotação das Culturas (Castro F. 2011), do Anexo)**

A permacultura, dimensionada sempre para pequenas explorações unipessoais ou comunitárias, aparece assim como uma forma de recuperar velhos hábitos e responder às necessidades ambientais, numa clara demonstração de como agir localmente para atuar globalmente. Na permacultura obtém-se uma resposta para aqueles que querem regressar aos hábitos rurais e também uma forma de obter proveitos da agricultura e pecuária, com pouco impacto ambiental. Numa situação de terrenos livres para cultivo é também uma forma de os rentabilizar, criando um rendimento para a comunidade, no fundo trata-se da rentabilização do património imóvel (Sousa, 2012, p. 20), uma das medidas sugeridas no ponto anterior.

2.2. Turismo Rural e Rurbanidade

Referiu-se antes em rurbanidade e na necessidade de rentabilizar o património edificado, verifica-se que deste património em estado devoluto existe devido ao êxodo rural. Como consequência deste êxodo tem-se hoje o

envelhecimento da população rural e a consequente baixa de produtividade agrícola levando à fuga dos serviços: extinção de matadouros públicos, das casas do Povo, de linhas férreas e carreiras públicas, estações de correios, de centros de saúde, postos da GNR, de escolas, bancos e muitos outros. (Raimundo, 2004, pp. 437 - 447).

Esta fuga de vários serviços do mundo rural, aliado à desertificação e abandono das aldeias, proporcionou um novo fenómeno: a exclusão social no mundo rural. À medida que a população diminui na aldeia, diminui também o tipo e o número de serviços que lhe são prestados. A população rural, envelhecida e com baixíssimos níveis de natalidade, vê serem-lhes subtraídos vários serviços, o que favorece, por sua vez, o crescimento de novos movimentos migratórios internos e externos (Raimundo, 2004, pp. 437- 447). Além deste aspeto, a fuga de serviços e a exclusão social que lhe está inerente, contribui, hoje em dia, para o empobrecimento e aumento da solidão no meio rural.

O êxodo rural, além do abandono material das aldeias, do consequente aparecimento da ruína, e da exclusão social, trouxe consigo sérios problemas ambientais. Os campos, outrora trabalhados, deixaram de o ser. A pastorícia, outrora abundante, quase deixou de ser praticada. A floresta, outrora limpa, deixou de ser, tornando-se, atualmente, a principal causa de incêndios em Portugal.

Apesar da crise de valores, práticas e tradições em que o mundo rural se encontra mergulhado, assiste-se, hoje em dia, a uma preocupação crescente com o património rural e suas tradições. Esta noção de património rural procura legitimar e naturalizar todo um discurso sobre a evolução recente do mundo rural, mas, ao mesmo tempo, tende a responder aos novos desafios que se colocam. É, a partir da noção de património rural que a aldeia tem adquirido novos sentidos e funcionalidades (Peixoto, 1998). As aldeias, como refere Manuela Barille, "... são lugares que estão ainda vivos, porque carregados de memória [...] Eles podem ser uma ponte com o passado" (Barille, 2010). Assim, várias têm sido as áreas, como a História, a Arqueologia, a Arquitetura, o Artesanato ou o Turismo, que têm captado o interesse da aldeia. Têm sido estas, e outras áreas do saber, que têm encontrado novos caminhos para o mundo rural. Graças a essas áreas, tem-se desenvolvido o turismo rural e com ele tem-se recuperado aldeias abandonadas. A noção de património rural e a ideia de que há maior qualidade de vida no mundo rural tem trazido novos serviços e habitantes às aldeias (Medeiros, 2005, pp. 79 - 85). Um pouco por todo o mundo rural, têm surgido as segundas habitações, os circuitos pedestres, as rotas histórico-religiosas (Caminhos de Santiago), as casas

e pousadas de turismo rural, etc. **(Figura 10 - Caminho Português para Santiago de Compostela (Bito, 2016), do Anexo)**

Paralelamente tem-se assistido à dinamização e diversificação de culturas agrícolas e produtos artesanais (Medeiros, 2005, pp. 97 - 101). É assim na imensidão de consequências negativas do abandono e desertificação das aldeias que se encontra a própria salvação (Medeiros, 2005, pp. 79 - 101). Pode -se incluir aqui a permacultura, entendendo a mesma como uma forma de dinamização agrícola e que implica a diversificação de culturas agrícolas.

Nos dias de hoje, com os conhecimentos que se possuem, valoriza-se, procura-se recuperar e reabilitar as habitações do meio rural, mantendo exteriormente a sua traça original. No interior destas habitações, muitas delas seculares, procede-se a um conjunto de reformulações de teor tipicamente urbano e que visam a melhoria do conforto e qualidade de vida. A título de exemplo cite-se o hábito urbano da casa de banho, a sala de jantar, o fogão de sala, a instalação elétrica, etc. Além das residências, também os aidos, as cortes para guardar o gado, assim como as antigas lojas, são, não raras vezes transformadas em autênticas habitações, destinadas quase sempre a receber hóspedes e convidados. Também os antigos caminhos rurais, muitos deles romanos e medievais, são transformados. Em muitas aldeias deste país, vêm-se hoje antigos caminhos calcetados e alcatroados. Além das residências vernaculares, também os antigos solares têm sido alvo deste conceito de rurbanidade. Muitos deles, um pouco por todo o país, têm sido recuperados arquitetonicamente, e revitalizados/reconvertidos em unidades e estâncias de turismo. Nos dias de hoje, junto a este turismo de habitação, também se podem encontrar antigos campos de cultivo transformados em campos de golfe e até em quintas pedagógicas.

As estratégias que justificam a procura ou exploração do turismo rural variam de pessoa para pessoa. Basta muitas vezes a envolvimento da aldeia em questão, com tudo o que ela tem de atraente. O homem, saturado da cidade, prefere o turismo ecológico, onde não lhe falta as novas tecnologias para trabalhar e a comodidade citadina. Além destas, há também a restauração, para apreciar a comida tradicional e biológica, assim como locais onde os filhos possam ocupar as suas horas de ócio e lazer sem a preocupação do trânsito da cidade.

As práticas nos espaços rurais pelas famílias urbanas, proprietárias de bens, são muito variadas (Medeiros, 2005, pp. 81 - 82). As suas deslocações são mais frequentes ou mais raras, as suas presenças mais prolongadas ou mais fugazes. As famílias que residem perto, vêm frequentemente ao campo, enquanto aquelas que residem mais longe, vêm menos vezes. Quando os proprietários são reformados a

permanência é maior, e quando não é, isso deve-se única e simplesmente a falta de apoios relativos à saúde.

Entre muitos exemplos de rurbanidade, tome-se Monsanto pequena aldeia, bastante antiga, localizada na Beira Alta, bem próxima de Idanha-a-Nova. Quem percorrer as suas ruas facilmente se apercebe da carga emotiva e histórica que carrega (Aldeias Históricas, 2004, p. 107). Não se vai aqui falar de Monsanto como aldeia histórica, o que se pretende, de momento, é demonstrar a rurbanidade que aí se pode encontrar, autênticos cantinhos da cidade, formas de vida urbana que se encontram aqui e um pouco por muito do mundo rural de hoje. Destes, destacam-se, cafés e restaurantes, um hábito social urbano. Pela qualidade gastronómica, pode-se dar como exemplo o restaurante da Pousada de Monsanto, assim como o restaurante Petiscos e Granitos. Além de cafés e restaurantes tipicamente tradicionais, mas que, de certa forma refletem práticas urbanizadas, há também um vasto conjunto de serviços e equipamentos que até há pouco tempo quase que só se encontravam na cidade. Destes pode-se dar ênfase à farmácia, localizada na rua da Capela, o centro de saúde, no lugar da Misericórdia, a estação de correios, no largo do Cruzeiro, etc. **(Figura 11 - Aldeia de Monsanto (Pais, 2009), do Anexo)**

Existem outros exemplos nacionais, principalmente nas chamadas aldeias históricas como a aldeia de Sortelha (Cardoso, 2004, p. 133). Esta povoação, localizada no concelho de Sabugal, nasceu e cresceu à sombra do seu velho castelo. Foi, durante séculos sede de concelho e perdeu esse estatuto aquando das reformas administrativas do século XIX. Hoje, a aldeia de Sortelha é um misto de ruralidade e urbanidade. A paisagem, preenchida pelos granitos das habitações rústicas, esconde de certa forma, tal como no caso anterior, hábitos e vivências tipicamente urbanas, designadamente cafés, restaurantes, farmácia, posto de turismo, etc. Linhares da Beira, Piódão, Castelo Rodrigo, Idanha-a-Nova e Idanha-a-Velha, Almeida, Sabugal, Pitões das Júnias, Vilar de Perdizes, Soajo e muitas outras são também exemplos de rurbanidade em que o espaço rural se renova e evolui para responder às necessidades de um turismo cada vez mais presente. Este tipo de aldeias e a nova procura do campo, mais não seja, como forma de repouso do tumulto citadino, desenvolveu a necessidade de criar infraestruturas de acolhimento ao turismo. Criaram-se assim estruturas para o turismo rural e acima de tudo, aproveitaram-se muitas das velhas ruínas geradas pelo já referido êxodo populacional. **(Figura 12 – Aldeia de Piodão (Milharado, 2009) e Figura 13 – Linhares da Beira (Santos, 2011), do Anexo)**

Em documento de 2008 a Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural classificava diversas estruturas naquilo que vulgarmente se designa por turismo rural. Para este organismo o universo era composto pelos estabelecimentos de turismo no espaço rural, nas modalidades de turismo de Habitação, turismo rural, agroturismo, Casas de Campo, turismo de aldeia, Hotel rural e Parque de Campismo rural, bem como pelos estabelecimentos de turismo de Natureza, nas modalidades de Casas-abrigo, Centros de acolhimento e Casas-retiro (Neves, 2008, p. 10). À data do referido relatório, contabilizavam-se 1231 unidades implementadas em Portugal e Ilhas, sendo que 501 eram no norte do país, das quais 187 se classificavam como de turismo rural. Dados fornecidos pelo Turismo de Portugal permitem perceber a evolução de número de camas neste tipo de estabelecimentos, por modalidade (Neves, 2008, p. 13):

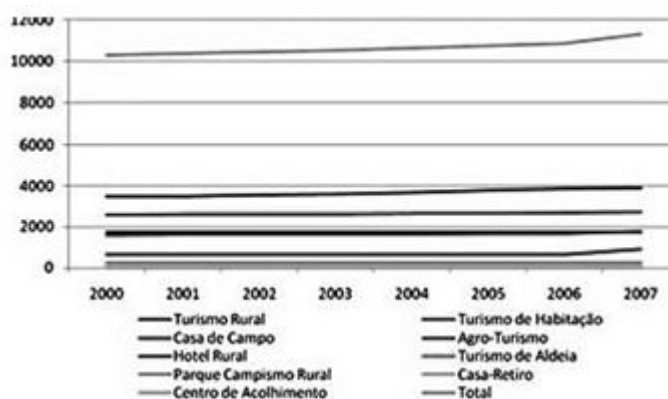


Gráfico 1- Evolução do nº de camas dos estabelecimentos por modalidade

Em termos legais, o Turismo em Espaço Rural define-se como o conjunto de atividades, serviços de alojamento e animação a turistas, em empreendimentos de natureza familiar, realizados e prestados (...) em zonas rurais” (Decreto-Lei N.º 54/2002), sendo, provavelmente, a designação mais comum de turismo rural, aquela que concerne ao conjunto de modalidades de hospedagem em zonas rurais que inclui serviços de hospedagem em solares e casas apalaçadas, em quintas onde se desenvolvem atividades agrícolas, em casas rústicas, tomadas como exemplares da arquitetura popular de matriz rural, e ainda em hotéis rurais e parques de campismo rurais (Silva, p. 3). **(Figura 14 – Hotel Rural Senhora dos Remédios – Mourilhe, Montalegre (Fontes, 2005), do Anexo)**

Esta preocupação de legislar deve-se a que nos últimos anos, o turismo tem vindo a assumir uma posição de relevo nas políticas formuladas pelo Estado português e pela União Europeia (UE) para combater a depressão económica e

demográfica em que mergulharam, como já referido, muitas áreas do país, sensivelmente a partir de 1960.

O desenvolvimento rural, que desde os últimos anos do século XX procura promover no contexto da UE, tem a particularidade de assentar numa política de matriz global e territorial que procura combater os problemas dos espaços rurais e melhorar a qualidade de vida das populações que neles habitam de um modo sustentável, em lugar de uma política sectorial centrada na agricultura.

Para além de conter uma vincada sensibilidade ambiental e ecológica, esta nova fórmula de desenvolvimento rural confere especial atenção aos recursos endógenos e às populações locais, que passaram a constituir os principais intervenientes deste processo, a par do Estado e das instituições públicas (Silva, p. 7). O autor aqui referido efetua um conjunto de inquéritos no âmbito da avaliação do impacto do turismo rural (Silva, p. 8) concluindo que esta forma de turismo contribui para o desenvolvimento local das áreas em que é implantado de diversas formas, nomeadamente no combate à desertificação, intercâmbio cultural e viabilização da economia, entre outros. Por outro lado, permite entretanto a manutenção de laços com a propriedade e com a terra por parte de um conjunto de pessoas que, de outra forma, dificilmente residiriam nos campos, grande parte delas pertencentes às classes médias rurais e urbanas (Silva, p. 15), além de que permite a recuperação de inúmeros imóveis degradados, incluindo solares e casas apalaçadas e, sobretudo, casas rústicas

(Silva, p. 16).

Recuperação de imóveis, viabilização da economia, combate à desertificação, sensibilidade ambiental e desenvolvimento rural. Palavras-chave que podem servir de mote à implementação de um projeto de turismo rural como o sugerido neste caso de estudo.

2.3. Permacultura e Turismo Rural – Uma receita de sustentabilidade

A ideia de desenvolvimento sustentável é relativamente recente e na verdade só se tem colocado em virtude das grandes transformações ocorridas no Mundo Contemporâneo. Como é conhecido, a industrialização ocorrida a partir de meados do século XIX pôs em causa a utilização sustentável dos recursos naturais existentes. Esta situação agravou-se ainda mais, depois da segunda guerra mundial, altura em que o progresso industrial e tecnológico atingira níveis nunca

antes vistos. Paralelamente, a consequência deste desenvolvimento tecnológico e industrial, têm-se repercutido, nos últimos cinquenta a sessenta anos, a um aumento exponencial da população. Os recursos existentes são passíveis de se esgotar e não chegar para todos. É, portanto, à luz deste contexto, que surge a ideia de Desenvolvimento Sustentável. A primeira definição de Desenvolvimento sustentável foi traçada no Brundtland Report. **(Figura 15 – Desenvolvimento Sustentável (Samsic, 2010), do Anexo)**

Segundo este, o Desenvolvimento Sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem colocar em causa o futuro das gerações vindouras. A definição deste conceito foi de resto importante na medida em que nas últimas duas décadas várias foram as conferências mundiais realizadas sobre o tema. As cimeiras do Rio e de Joanesburgo, apesar dos vários insucessos, tiveram o condão de debater e de alertar a classe política para o problema da degradação ambiental e da sustentabilidade.

Embora com um cariz ambientalista, a ideia de sustentabilidade desde há algum tempo que se alargou à economia e o termo aplica-se perfeitamente a um projeto económico em que se procura que o seu desenvolvimento e manutenção sejam autossustentados tendo como objetivo uma independência financeira.

Viu-se antes que uma IPSS pode beneficiar de um regime de subsídios que permita a sua existência, embora não seja saudável, particularmente no contexto atual, que esta seja a sua principal fonte de receita, como tal, e visando um desenvolvimento sustentável, há que gerar novas fontes de receita para reforçar o pólo económico e assim atingir o desenvolvimento durável a que a figura anterior se refere.

Como também referido, existem outras receitas que se podem explorar e que passam pela rentabilização do património tanto imóvel como móvel, protocolos/parcerias com empresas no âmbito da promoção da responsabilidade social, criação de programas de mentoring e patrocínio de pessoas, e de causas, como instrumento de angariação de donativos privados, bem como redução de custos e o aumento da eficiência na utilização dos recursos existentes.

A cedência de alguma parte da estrutura do aparelho, para exploração enquanto turismo rural, é uma proposta que encaixa na rentabilização do património. Ao implementar-se um projeto que irá ser apresentado no capítulo seguinte deste trabalho, é necessário contabilizar o investimento inicial no mesmo e depois assegurar a sua sustentabilidade. No presente capítulo foram, assim, apresentadas sugestões para a resolução do mesmo. Para lá dos habituais sistemas sociais de financiamento, a exploração agropecuária – debaixo de uma consciência

no âmbito da permacultura – e o turismo rural foram soluções apresentadas. Ambas as atividades poderiam ser exploradas pelos próprios utentes do lar, desenvolvendo assim ideias no âmbito do envelhecimento ativo e permitindo a estes sentirem-se integrados numa comunidade como membros ativos desta e contribuindo para o sucesso da mesma.

No caso particular do turismo rural verifica-se que a procura de equipamentos tem sentido um forte crescimento e os dados da evolução anual registados pelo Turismo de Portugal, reportados ao período 2000-2007, registam um número médio de dormidas superior e uma tendência de crescimento mais vincada, sobretudo nos anos mais recentes (2003-2007) (Neves, 2008, p. 14).

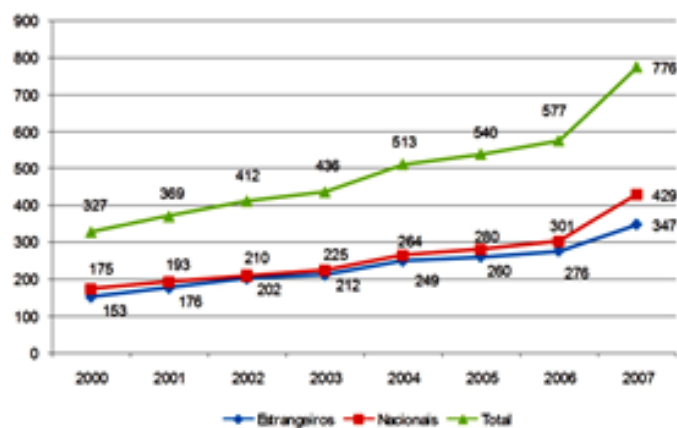


Gráfico 2 - Evolução anual do número médio de dormidas por estabelecimento (2007-2015)

Observando o gráfico da figura e mesmo retirando a linha nacional – dada a conjuntura atual, será de esperar uma queda – pode-se observar um claro aumento da procura de dormidas neste tipo de estabelecimento. a dinâmica de dormidas revela uma procura predominantemente concentrada nos meses de junho a agosto, meses que registam maior procura em todo o território. Esta concentração estival é especialmente expressiva nas regiões Norte e Açores (Neves, 2008, p. 25). Os restantes meses do ano registam uma procura menos acentuada, observando-se apenas um ligeiro aumento da procura nos meses de fevereiro a abril. Os indicadores de permanência média dos hóspedes remetem para níveis baixos: o número de hóspedes que permanece até 3 dias representa 53,8% do total e entre 4 a 6 dias, representa 17,2% (Neves, 2008, p. 25).

Dadas as típicas características deste tipo de estabelecimento, o seu maior custo estará na implementação pois aplicando um sistema de cartões magnéticos, e dada a pequena dimensão destes estabelecimentos, apenas se necessitaria de

uma pessoa para o serviço de receção/administração e duas a três pessoas para a limpeza, onde se poderiam integrar elementos da instituição. Tudo o resto – lavandaria, refeições, etc., poderiam ser providenciadas pelas próprias infraestruturas projetadas para o local.

A implementação do projeto seria então o maior investimento a realizar e para isso a resposta reside em planos de apoio nacionais e europeus, como o LEADER e outros mais recentes como o Sivetur ou Sifit. No âmbito do projeto LEADER os apoios concedidos entre 2000 e 2007 a estes 58 projetos, ascenderam a 4.592.444,56€ e foram direcionados para atividades turísticas em espaço rural, de acordo com a natureza de projetos ou ações apoiadas. a distribuição dos apoios a estes 58 projetos encontra-se caracterizada no Gráfico seguinte:

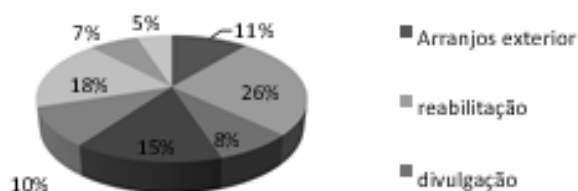


Gráfico 3 - Distribuição de Projetos TER apoiados pelo LEADER+

Desta forma percebe-se como o Programa Leader foi significativo em termos de impactes produzidos, sobretudo na componente de requalificação de património rural. Partindo do princípio de que o capital turístico de regiões marcadamente rurais, é suportado essencialmente por valores patrimoniais – ambiental, construído e paisagístico – deve ser relevada a importância que os financiamentos tiveram na recuperação de casas e infraestruturas que, de outro modo, prolongariam a sua degradação física e ambiental (Neves, 2008, p. 41). Temos desta forma não só uma solução de financiamento, mas também uma ferramenta de valorização patrimonial e que permite o investimento inicial para a implementação de uma unidade de turismo rural.

Para lá da estrutura de um edifício, existe ainda todo o terreno circundante, que no caso de um meio rural pode traduzir-se por terrenos agrícolas, com dimensões suficientes para (re) introduzir o cultivo. Está-se assim, claramente, a incrementar o aumento da eficiência na utilização dos recursos existentes, uma das sugestões já referidas para obtenção de fundos extra.

O cultivo já não necessita de ser feito no sentido de comercializar produtos, mas antes na vertente de permitir, dentro dos possíveis, fornecer bens para o consumo próprio e, eventualmente, fornecer também a possibilidade de se produzir bens comercializáveis como mel, compotas, frutos secos, chás, etc. que possam ser disponibilizados para venda nas próprias instalações. Entra-se assim no domínio da permacultura, utilizando os seus princípios e garantindo uma maior sustentabilidade ao equipamento.

Os princípios subjacentes à permacultura podem não só ser utilizados na obtenção de alimentos, mas também na obtenção/poupança de energia, recorrendo a pequenas adaptações e a soluções no âmbito das energias renováveis - na criação de áreas de lazer mais agradáveis, através da exploração de árvores, arbustos e zonas aquáticas, para uma melhor ventilação e também na reciclagem e na compostagem diminuindo assim o volume de resíduos produzidos. **(Figura 16 – Hipsometria de Vila Verde, do Anexo)**

Resta a componente da mão-de-obra, e esta pode encontrar-se em alguma da população residente – mesmo que parcialmente, a qual devidamente motivada pode ter aqui a solução para os seus tempos livres ou forma de própria financiar um apoio que pelos seus próprios rendimentos dificilmente obteria.

Conjugando assim verbas de apoio social, fundos de apoio ao turismo rural – bem como outros programas/quadros de apoio económico que vão surgindo – com verbas obtidas pelo turismo rural, exploração de valências da instituição e recorrendo à agricultura e pecuária, obtém-se um conjunto de fontes de rendimento que permite a sustentabilidade do projeto, ao mesmo tempo que se reduzem custos de mão-de-obra e se encontra uma resposta para utilização dos tempos livres de uma faixa etária que ainda se encontra ativa e necessita de encontrar ocupação. Tem-se assim uma comunidade reagrupada à volta de um projeto que simultaneamente resolve os seus problemas e que serve também de pólo de atração através do turismo rural, subsistindo pelos seus próprios meios e criando a sua própria riqueza.

CAPÍTULO 3 – Caso de estudo: Aboim da Nóbrega

Com este capítulo procede-se à caracterização da freguesia de Aboim da Nóbrega na perspetiva de se viabilizar a criação de um turismo rural autossustentável. Para esse fim, começa-se por caracterizar, enquadrar e situar geograficamente esta localidade. Aborda-se a morfologia do solo naquela região e a múltipla diversidade patrimonial e funcional que o local oferece.

Após a caracterização da freguesia de Aboim da Nóbrega, procede-se a uma análise SWOT que proporciona pistas para propostas mais atrativas no plano do projeto proposto na atual dissertação.

Finalmente expõe-se, sumariamente, o projeto da Casa da Pequeninina, em Aboim da Nóbrega, um espaço de excelência para a criação do projeto pretendido e que permite explorar o Turismo Rural, numa perspetiva de sustentabilidade.

3.1 – Localização

Localizada no norte do país, no distrito de Braga, Baixo Minho, a freguesia de Aboim da Nóbrega encontra-se mais concretamente no concelho de Vila Verde, zona rural por excelência, entre a encosta de Santo António de Mixões da Serra e as freguesias de Atães, Paçô e Valdreu. **(Figura 17 – Concelho de Vila Verde/Freguesia de Aboim da Nóbrega (autor, 2012), do Anexo).**

Sendo uma das freguesias mais a norte do referido concelho, faz, por isso mesmo, fronteira com o concelho de Ponte da Barca, tendo em tempos, sido Ponte da Barca uma freguesia debaixo da jurisdição de Aboim da Nóbrega.

De acordo com os dados disponíveis, a freguesia apresenta uma área total de 11,73 km² e nela residem cerca de 1155 habitantes (censos2011). O povoamento de Aboim da Nóbrega, o núcleo rural propriamente dito é essencialmente disperso, representativo de uma área rural por excelência, com uma densidade de 111 habitantes/km², distribuindo-se por vários lugares: Monte, Gandarela, Póvoa Dura, Lameiras, Outeiro, etc.

No que concerne às acessibilidades, Aboim da Nóbrega, apenas possui acessos rodoviários e num balanço geral pode-se considerar que carece, tal como muitas outras aldeias, de bons acessos. A acessibilidade com maior relevância, e a mais eficiente, é a E.M. 101, que liga as localidades de Vila Verde e Ponte da Barca, esta possui inúmeras ramificações, sendo a E.M. 548, a única que dá acesso à freguesia. As restantes acessibilidades relacionam-se sobretudo com caminhos vicinais antigos

que estabelecem ligações a vários pontos e localidades. **(Figura 18 – Aboim da Nóbrega – Acessibilidade (autor, 2012), do Anexo)**

Em termos históricos, trata-se de uma freguesia bastante antiga, pois vem já referenciada, em diversos documentos medievais, como tendo sido “cabeça de terra”, o que remete para uma época em que a freguesia foi concelho. Por essa razão aqui se fixou um pequeno castelo (Castelo da Nóbrega), hoje inexistente, porém ainda resistiram alguns elementos arquitetónicos de interesse Nacional (ATAHCA, 2010).

Ao longo da sua existência, Aboim da Nóbrega foi couto, isto é, terra que pertencia à igreja, tendo este sido extinto em 1853. Compreendia esse couto, na sua área de jurisdição, as freguesias de Azias, Barros, Codeceda, Covas, Entre Ambos-os-Rios, Frauxe, Ermida, Grovelas, Penascas e Valões. Após a reforma administrativa de 1853 o couto de Aboim da Nóbrega foi extinto, tendo as suas freguesias sido distribuídas pelos concelhos de Ponte da Barca e Vila Verde. Aboim da Nóbrega foi de resto incorporada no concelho de Vila Verde. Segundo a Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, o apelido Aboim deriva deste lugar onde a família possuía um solar (Verbo, p. 91).

3.2 – Espaço físico natural (clima, morfologia e hidrografia)

Aboim da Nóbrega, tal como quase todo o concelho de Vila Verde, possui uma constituição geológica de origem granítica. Nela pontificam os granitos, os granodioritos e granitos porfiroídes (ATAHCA, 2010, p. 7), típicos da região minhota.

Em termos climáticos, Aboim da Nóbrega beneficia de um clima de cariz marcadamente atlântico, dada a sua proximidade do litoral. As Primaveras e os Outonos demonstram um carácter irregular, enquanto os Verões se caracterizam por serem quentes e secos.

No que respeita à pluviosidade os Invernos são, tal como no restante Minho e no Douro Litoral, bastantes chuvosos e frios. A temperatura média do ar oscila entre os 10 e 12,5 °C. A precipitação apresenta valores anuais entre 1800 e 2800 mm/m², registando-se geada, em média, 20 a 30 dias por ano (ATAHCA, 2010, p. 7).

Em termos orográficos (segundo o livro História, Arte e Paisagens do Distrito de Braga - Concelhos de Vila Verde e Terras de Bouro p.10) o concelho de Vila Verde, onde se insere Aboim da Nóbrega, é formado por duas subzonas bem

distintas e demarcadas: a subzona de meia-encosta e a subzona de montanha (ATAHCA, 2010, p. 8):

- Subzona de meia-encosta - continuando a caminhar para o interior do território depara-se com uma zona de transição com cotas que podem variar entre os 100 e os 700m, sendo a topografia transformada e adaptada ao longo dos anos pelo homem, através do terraceamento das encostas, transformando em zonas de cultivo áreas eventualmente destinadas à florestação. É aqui que se pratica uma agricultura tradicional onde predomina a policultura em propriedades de pequena dimensão. **(Figura 19 – Subzona de meia-encosta Aboim da Nóbrega (autor, 2020), do Anexo)**

- Subzona de montanha - com altitudes acima dos 700m compreende como pontos mais importantes a serra de Valdreu/Gondomar e do Gerês (1507 m), com os seus espaços naturais, é uma zona dominada por pastagens naturais que propiciam a manutenção de flora e fauna selvagem com espécies autóctones. **(Figura 20 – Subzona de montanha Aboim da Nóbrega, do Anexo)**

Também em Aboim da Nóbrega se encontram estas duas subzonas, no caso da subzona de montanha, esta situa-se na subida para Mixões da Serra onde se atingem os 800 m de altitude.

Em termos hidrográficos, a região é fortemente irrigada, sendo a água um dos principais recursos naturais da região. No conselho de Vila Verde dominam os rios Cávado e Homem, correndo de Leste para Oeste, mas há ainda que contar com um considerável grupo de pequenos rios e outros cursos de água que no seu conjunto oferecem uma grande disponibilidade de água para vários fins, a agrícola (regadio), o turístico (termalismo, lazer), etc.

3.3 – Análise demográfica de Aboim da Nóbrega

Embora a província do Minho se localize no litoral e possua regiões de forte implantação populacional e para onde migrou muita da população rural, o conselho de Vila Verde e, particularmente, Aboim da Nóbrega, situa-se numa região mais interior de fortes características rurais e é marcado pela baixa densidade populacional (ATAHCA, 2010, p. 8). Tal como em muitas outras aldeias, também Aboim da Nóbrega viveu a realidade da emigração, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, sendo que, segundo o INE, na década de 70 se registou um decréscimo de 18% na população.

A população residente em Aboim da Nóbrega cifra-se atualmente nos 980 habitantes (ATAHCA, 2010, p. 8) sendo que na última década viu a sua população residente ser reduzida em 15%, de acordo com dados publicados pela junta de freguesia (n/d, <http://www.aboimdanobrega.com>, 2010). Do estudo da ATAHCA sobressai, sobretudo, a tendência generalizada para o envelhecimento da população, que atinge níveis preocupantes, embora 43% da sua população apresente idades inferior a 25 anos, o que permitirá, caso seja devidamente potenciado, renovar o tecido populacional, sem correr riscos de desertificação.



Gráfico 4 - Distribuição da População por Classe Etária (INE, 2011)

O nível de instrução da população deste núcleo rural é relativamente baixo. A taxa de analfabetismo da população situa-se nos 19,98% e verifica-se que apenas 5,13% da população atingiu o ensino secundário. O isolamento a que Aboim da Nóbrega está votado reflete, de certa forma, o baixo nível de instrução da população, pelo que os mais jovens são os primeiros a querer sair da terra (ATAHCA, 2010, p. 10).

Tabela 1 - Nível da Instrução da População Residente

	Aboim da Nóbrega	
	Número	%
Analfabetos com 10 ou + anos	261	19,98%
Ensino Primário	578	44,26%
Ensino Preparatório	260	19,91%
Ensino Secundário	67	5,13%
Outro Ensino	4	0,31%

(INE, 2011)

Esta análise demográfica, ainda que sucinta, permite, não apenas confirmar o baixo nível de instrução, mas também concluir que o défice de desenvolvimento de que Aboim da Nóbrega sofre (baixo nível de instrução da população, pode ser considerado um obstáculo ao seu desenvolvimento. Uma das razões que leva esta área a ter um baixo nível de instrução relaciona-se com o facto de os estabelecimentos de ensino básico e secundário se encontrarem distantes de Aboim da Nóbrega. Para a maioria dos jovens obter instrução, é necessário deslocar-se à respetiva sede de concelho ou à capital do distrito Braga, cuja distância média diária (ida e volta) se cifra nos 30 Kms. A difícil acessibilidade torna as viagens ainda mais demoradas e custosas, particularmente no Inverno, já para não referir que muitas vezes as casas estão afastadas dos pontos de recolha, das carreiras de autocarros, dificultando tudo. **(Figura 21 - Aboim Nóbrega - Tipologia do Edificado (autor, 2012), do Anexo)**

3.4 – Diversidade patrimonial em Aboim da Nóbrega

Aboim da Nóbrega, relativamente ao povoamento e respetivo edificado, como se pode visualizar no mapa, apresenta-se sob a forma de aglomerados rurais dispersos, ou seja, surgem espalhados ao longo do território pequenos aglomerados habitacionais.

Com uma variedade tipológica pouco significativa, predominando edifícios unifamiliares (RC ou rc+1), surgindo pontualmente comércio e serviços, no centro do povoamento. Estas habitações, que demonstram um carácter típico das Aldeias Portuguesas, encontram-se com maior relevância próximo do eixo viário mais importante (E.M. 548).

No que refere ao estado de conservação do edificado, grande parte das habitações apresenta um bom estado de conservação, sendo na sua maioria alvo de reconstrução/recuperação. **(Figura 22 - Estado de Conservação (autor, 2012), do Anexo)**

Contudo aparecem algumas habitações dispersas em mau estado de conservação e com interesse arquitetónico enquanto exemplares de arquitetura vernacular, como (Casa da Pequeninina, Casa da Fonte, etc.) que marcaram a história da freguesia (ATAHCA, 2010, p. 22). Estes evidenciam necessidade de recuperação, já havendo em alguns casos a implementação desta ideia (turismo rural), através

de apoios financiados pela autarquia. **(Figura 23 - Casa da Nóbrega, Casais de Vide (autor, 2019), do Anexo)**

No que concerne ao património natural Aboim da Nóbrega possui duas áreas de utilização bem diferenciada: - a ecológica, onde predominam os maiores conjuntos de giestais existentes na região, com a particularidade de encontrarmos giesta de flor branca e giesta de flor amarela. **(Figura 24 – Giesta Amarela (autor, 2012) e Figura 25 – Giesta Branca (autor, 2012), do Anexo)**

No passado a giesta era cultivada, chamando-se a esse cultivo barbeitos e que apenas se fazia de treze em treze anos. Além destes conjuntos, encontram-se também significativas manchas de carvalhos e estruturas agrárias de socalcos predominante nesta região, devido à zona localização geográfica se inserir na montanha (ATAHCA, 2010, p. 20). **(Figura 26 – Paisagem de Aboim da Nóbrega (autor, 2015), do Anexo)**

A segunda área natural, diferenciada da primeira que se referiu atrás, diz respeito à praia fluvial, situada entre os limites dos Lugares do Adro e Martinga. Esta praia é composta por duas zonas distintas e devidamente separadas para banhos nas águas do rio Vade. Uma destinada para as crianças e outras para adultos. Tira partido da sua localização, pois situa-se numa zona plana, próxima do Centro Histórico de Aboim da Nóbrega. No local foram construídas novas valências, designadamente um bar e balneários. **(Figura 27 – Praia Fluvial – Aboim da Nóbrega (autor, 2020), do Anexo)**

Relativamente ao património cultural, nomeadamente religioso, Aboim da Nóbrega possui um vasto património cultural, a saber: Igreja matriz (século XVI), Capela de S. João, Capela de S. Sebastião, Casa do Picão, Casa de D. João d'Aboim e o Fojo do Lobo, etc. (ATAHCA, 2010, p. 23) **(Figura 28 – Igreja Matriz – Aboim da Nóbrega (autor, 2018), do Anexo)**

Além do património religioso merece, igualmente, destaque o antigo edifício da Câmara, o Tribunal, a Cadeia, o conjunto da Cabanas, a Casa da Pequenina, assim como mais de três dezenas de moinhos e espigueiros. **(Figura 29 - Casa da Pequenina (autor, 2020), do Anexo)**

3.5 - A diversidade funcional de Aboim na atualidade

Falar-se em diversidade funcional em Aboim da Nóbrega implica falar da sua atividade económica. O índice de atividade económica, em Aboim da Nóbrega,

apresenta-se bastante reduzido, uma vez que a população ativa não chega aos 50% (ATAHCA, 2010, p. 14).

Tabela 2 - Índice de Atividade/Desemprego

Índices de Atividade/Desemprego da População	
	Aboim da Nóbrega
Taxa de Atividade	42,40%
Taxa de Desemprego	3%

(ATAHCA, Ambiente, Património e Sistemas Produtivos, 2015)

Em geral, a população empregada, encontra-se, na sua maioria, ocupada no sector primário, nomeadamente na agricultura. A agricultura é aqui, o sector dominante com cerca de 63%, tal como de resto se pode constatar pela análise do gráfico. Os sectores secundários e terciários apresentam, valores de 22% e 15%, respetivamente.

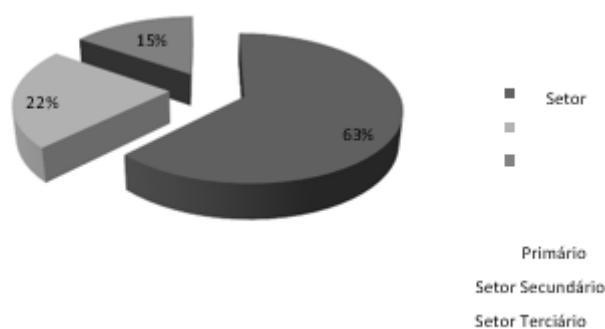


Gráfico 5 - Distribuição da População por Setores da Atividade (ATAHCA, Ambiente, Património e Sistemas Produtivos, 2018)

Quanto ao nível de desemprego, esta freguesia apresenta valores inferiores aos de referência, demonstrando que a situação a este nível não é preocupante, nesta fase. Apesar disso, há que ter um certo cuidado na análise dos mesmos, uma vez que estes valores se referem ao ano de 2010, sendo conhecido que de, de uma forma geral, os valores de desemprego dispararam a seguir a esta data. Há que ter ainda em conta que a maioria da população se dedica à agricultura (ATAHCA, 2010, pp. 16 - 18), correspondendo a quase dois terços da ocupação laboral. A pequena exploração agrícola de carácter caseiro, domina em Aboim da Nóbrega,

onde as gentes locais, não tendo qualquer outra atividade, dedicam-se exclusivamente, e por conta própria, à agricultura e pecuária, sendo praticamente as suas únicas formas de subsistência. **(Figura 30 - Terrenos Agrícolas - Casais de Vide (autor, 2020), do Anexo)**

Comparando, de resto, os dados de Aboim da Nóbrega com os resultados do concelho de Vila Verde, verifica-se inclusivamente que a percentagem da população ativa empregue na agricultura é de 22%, num total de 2690 explorações agrícolas, com elevada idade média de produtor por exploração, a qual ultrapassa os 55 anos. Verifica-se que Aboim da Nóbrega encontra-se com uma média superior à do próprio do concelho.

O sector agrícola possui nesta freguesia um tradicionalismo marcado que revela pouca abertura à introdução de modificações e/ou inovações. Assim, conclui-se que associado ao baixo nível de instrução (ensino básico) dos proprietários das explorações e a uma estrutura etária envelhecida, está igualmente uma falta de aposta na modernização e dinamização do sector, bem como a uma aposta diferente de produção. A este respeito ainda, note-se que a superfície agrícola é essencialmente ocupada pela cultura do milho, batata, feijão, hortícolas, fruta e vinha. Estas culturas destinam-se essencialmente ao consumo próprio ou para usar como alimento para os animais, sendo que a alimentação destes últimos é complementada pela elevada área de prados, verdadeiras fontes de sustento da pecuária em geral.

A distribuição da superfície agrícola em Aboim da Nóbrega, de montanha por excelência, explica bem as características do tipo de agricultura praticada (ATAHCA, 2010, p. 19). A percentagem de terra destinada à produção agrícola é na ordem dos 59,7%, distribuída por 220 explorações, onde predomina a forma de exploração da terra por conta própria, ou de carácter familiar, como de resto já se fez referência.

Tabela 3 - Distribuição das Superfícies Agrícolas e das Explorações Agrícolas em Aboim da Nóbrega

Distribuição das Superfícies Agrícolas e das Explorações	
Superfícies Destinadas à Agricultura	7,4995
Superfícies Agrícolas Exploradas	4,9177
Número de Explorações	220
Superfície Agrícola Efetivamente Explorada	220

(ATAHCA, Ambiente, Património e Sistemas Produtivos, 2015)

A diversidade funcional em Aboim da Nóbrega não se resume somente à agricultura ou à pecuária, até porque, segundo os dados disponibilizados pela Junta de Freguesia, o sector primário, mesmo sendo dominante, tem decrescido. Tem-se verificado, a este respeito, uma tendência decrescente da população ativa a trabalhar no sector primário, transferindo-se estas pessoas para o sector secundário e terciário. Neste domínio, tem desempenhado um papel extremamente importante, as migrações pendulares de pessoas ativas que residem durante a semana fora da freguesia, regressando a ela ao fim de semana e no período de férias.

Para lá da agricultura e pecuária a região possui ainda o artesanato com todo o seu valor artístico, patrimonial e cultural, que demonstra as tradições de um povo ao longo de anos. A sua importância implica que, por questões de memória e identidade, este deva permanecer conservado. Desta forma, o artesanato torna-se num elemento chave para o reaparecimento deste nicho rural – Aboim da Nóbrega - nas rotas turísticas, onde se podem destacar, principalmente, os bordados (Lenços dos Namorados), e depois rendas e trabalhos em vime ou barro. Encontramos assim, no artesanato, uma atividade a ser valorizada e desenvolvida, pois permite a criação de novos postos de trabalho e o desenvolvimento do sector secundário local.

3.6 – Análise SWOT

Como complemento à análise sociogeográfica, procedeu-se a uma análise SWOT de Aboim da Nóbrega. Efetuou-se uma análise ao espaço físico em causa - ambiente - e identificaram-se “pontos fortes”, “pontos fracos” – numa perspetiva de ambiente interno – “Oportunidades” e “Ameaças” - numa perspetiva de ambiente externo – elencaram-se as seguintes características:

Pontos Fortes:

- Existência de áreas protegidas, com espaços de elevada qualidade paisagística, e de recursos hídricos abundantes;
- Forte identidade humana do território, cultural e etnográfico;
- Existência de um património cultural e arquitetónico de grande relevância;
- Existência de produtos agroalimentares tradicionais devidamente protegidos;
- Gastronomia rica e variada;
- Sector do artesanato, reconhecido como imagem de marca (lenços dos namorados, linho têxtil artesanal);
- Agricultura tradicional sustentável: preservadora e guardiã da paisagem rural;
- Cobertura de quase 100% da rede elétrica;

Pontos Fracos

- Dificuldades e degradação das acessibilidades;
- Insuficiência de infraestruturas relativas a saneamento e abastecimento de água pública;
- Diminuição do sector agrário;
- Dificuldades de criação de circuitos de distribuição de produtos e serviços e respetivo acesso aos mercados;
- Estrutura etária elevada da população ativa, devido à saída para o exterior dos mais jovens e habilitados;
- Fracos recursos financeiros para investir em novas iniciativas e projetos;
- Insuficiente cobertura da educação pré-escolar, e de infraestruturas de apoio à terceira idade;

- Insuficiência de cobertura relativo a equipamentos voltados para a proteção, conservação e apresentação do meio ambiente;
- Reduzidos níveis de qualificação da mão-de-obra e de escolarização da população ativa. Abandono escolar precoce e elevados indicadores de insucesso;
- Estruturação deficitária dos produtos turísticos de qualidade;
- Pouca divulgação e valorização do património natural e cultural;
- Baixo nível de formação profissional;
- Desertificação dos espaços rurais e envelhecimento da população;
- Carência de equipamentos sociais, culturais, recreativos e desportivos e serviços de proximidade;
- Atraso no desenvolvimento económico na parte norte e de montanha;
- Áreas reduzidas, essencialmente nas zonas de montanha para novas construções, aumentando o despovoamento;

Oportunidades:

- Proximidade de áreas urbanas (Braga, Porto) com um grande número de potenciais visitantes e turistas que procuram esta região os seus serviços e produtos;
- Zonas rurais interiores como destinos turísticos;
- A maior consciência e preocupação pelos temas ecológicos e valorização dos espaços ambientais de qualidade;
- Procura crescente de produtos e serviços com uma grande componente ambiental e tradicional, por consumidores cada vez mais exigentes com a qualidade e segurança dos mesmos;
- Aumento da procura de habitações, em áreas rurais por indivíduos residentes na urbe;
- Aumento do turismo (natural, rural, cultural...) como sector dinamizador da região;
- Recuperação de edifícios com valor Histórico;
- Elevada oferta de matéria-prima no sector da extração;
- Eventos económicos, religiosos e culturais com alguma reputação, para divulgação turística;

- Incidência de uma elevada taxa de população jovem em Vila Verde;

Ameaças:

- Concorrência externa de produtos e serviços com forte competitividade no mercado (agroalimentares, turísticos, comércio) devido a um melhor nível de qualificação dos recursos humanos, da capacidade empreendedora das empresas e de uma maior competitividade;
- Sazonalidade da procura turística com períodos de carência demasiado acentuados;
- Ausência de estratégias locais e regionais (promoção, cooperação, formação...),
- Elevado número de pessoas idosas, por vezes sem apoio familiar, para os seus bens essenciais.
- O avanço das agressões e atentados ambientais, culturais e patrimoniais, o que pode afetar os próprios ecossistemas da região e aspetos valiosos da sua cultura e património;
- A previsível redução dos fundos europeus para financiar as atividades de desenvolvimento das zonas rurais e menos desenvolvidas;

3.7 - Planeamento e Ações de Intervenção

Após se efetuar uma análise SWOT, pode-se partir para uma intervenção numa abordagem em que se atua de forma a esbater pontos fracos e ameaças, ao mesmo tempo que se valoriza e realça pontos fortes ou se potenciam as oportunidades. Aplicada à análise SWOT para Aboim da Nóbrega, e na perspetiva da implementação do projeto pretendido, esta dinâmica pode obter resultados através de medidas como:

- Recuperação das casas rurais existentes e moinhos, com a reconversão dos mesmos para turismo rural, seguindo o exemplo das aldeias referidas em capítulo anterior. Estes locais recuperados, tornam-se únicos e peculiares, sendo cada vez mais procurados, ao longo do ano, pelos amantes da natureza e do sossego; recuperação e reestruturação urbana das zonas mais degradadas. (passeios, praças, ruelas etc..);
- Divulgação e promoção da oferta de habitação para turismo rural através das redes sociais. (jornais, folhetos, posto turismo, televisão e internet);

- Potencializar a economia local, com a criação de pequenos núcleos empresariais sob forma de lojas de artesanato para a criação de postos de trabalho e divulgação de artefactos tradicionais;
- Melhorar e recuperar as vias de circulação e acessibilidades;
- Criação de um circuito turístico de divulgação da região, reunindo um conjunto de pontos de interesse e organizando um guia informativo que torne apelativo efetuar o circuito;
- Sinalização do respetivo circuito, quer ao longo do percurso, quer nas estradas municipais. Eventualmente associar trilhos pedestres a partir do mesmo circuito;
- Incentivo á preservação da fauna e da flora locais únicas, através de ações lúdico-educativas e ações de informação e divulgação das mesmas;
- Fomentar e negociar apoios/parcerias com Câmara Municipal de Vila Verde e Athaca de modo a criar fundos para desenvolvimento económico-social;
- Implementação e reestruturação das infraestruturas básica em toda a região;
- Implementação, na medida do possível, de redes informáticas e acesso à internet.

Através deste exercício houve a preocupação de encontrar medidas que pudessem ser enquadradas quer com a recuperação proposta nesta dissertação, quer com a sustentabilidade, permacultura e turismo rural.

Percebe-se hoje que o mundo rural sofre uma profunda mutação que obriga a procurar novos rumos, novas formas de desenvolvimento e novas ações que associem às várias potencialidades do local. Com iniciativas para a economia local como os seus produtos artesanais, criando novos núcleos empresariais e, conseqüentemente, a criação de postos de trabalho, fixando a população jovem e classe trabalhadora no espaço rural, favorecendo o crescimento demográfico.

(Figura 31 - Lenço dos Namorados (autor, 2020), do Anexo)

Estas novas formas de desenvolvimento e ações não devem ser revitalizadas ao acaso, mas, para terem um crescimento sustentável do turismo, respeitando a natureza, devem ser criadas todas as condições para instruir e apoiar toda a população local. Para que isto se possa concretizar, ter-se-á que, em primeiro lugar, implementar uma estrutura/um fio condutor que garanta um crescimento orientado e fundamentado para que não haja impactos negativos para a economia, sociedade e ambiente local.

Para os agentes locais e visitantes, estes espaços representam um recuo no passado carregado de tradições, da plena quietude do ambiente e das bucólicas paisagens rurais, favorecendo o sossego e o descanso tão necessário para quem vive longe destes cenários. **(Figura 32 - Abordagem Económica do Equipamento/Permacultura (autor, 2020), do Anexo)**

Seguindo, então, estas premissas, pode-se fazer a proposta de um projeto de Turismo em Espaço Rural em Aboim da Nóbrega, escolhendo um local designado popularmente como Casa da Pequenina ou, por vezes, lugar da Pequenina, dadas as dimensões que os edifícios, pressupostamente o antigo castelo local, assume, mesmo considerando o seu atual estado de semiarruína. **(Figura 33 - Castelo de Aboim da Nóbrega (autor 2020), do Anexo)**

Outrora uma comunidade que vivia com dificuldade, tinha no sector primário e no artesanato o seu principal apoio económico, o qual se foi desgastando e desvalorizando com o passar dos anos. Contudo, passados anos, as gentes desta localidade e outras entidades sentem a vontade de revitalizar o nicho natural com uma nova mentalidade para valorizar e modernizar a agricultura, assim como recuperar os valores etnográficos, culturais e edifícios arquitetónicos repovoando-o com “gentes” necessitadas de tranquilidade e qualidade de vida.

E, como estão eles tão presentes em Aboim da Nóbrega!

Por estas razões, optou-se por projetar uma exploração de turismo rural nesta localidade, mais precisamente para captar público estrangeiro e não apenas os residentes locais, preocupando com a evolução da aldeia e permitindo apoio às gentes da freguesia, ou freguesias adjacentes, que estes tenham uma sã vivência, sem terem de se deslocar para fora da aldeia que habitam. **(Figura 34 – Proposta do Turismo Rural, do Anexo)**

Observando-se o local de mais perto, é visível a sua degradação e as diferentes obras de adaptação de que o imóvel foi alvo ao longo de séculos, até ao seu estado atual de ruína, num aglomerado constituído por diversas construções, à primeira vista independentes, mas que um olhar mais atento mostra estarem interligadas, por vezes partilhando uma mesma parede, resto óbvio da antiga muralha. O estado de degradação das construções existentes, tornava necessária uma intervenção de fundo em grande escala. **(Figura 35 - Casa da Pequenina 2 (autor, 2020), do Anexo)**

Optou-se desde logo por deixar os muros exteriores e interiores da Casa da Pequenina, que ainda apresentam um razoável estado e com grande valor

arquitectónico, além de que remontavam para o passado histórico do local, pois sem dúvida muitos deles ainda integrariam a muralha original existente no local.

Ao nível do interior recupera-se tudo o que existe, sendo que as construções existentes sejam adaptadas para apoio a turistas e às tarefas agrícolas e de pecuária, que serão uma das componentes importantes para a participação dos utentes turistas que procuram este local. **(Figura 36 - Planta da Casa da Pequenina Piso_0 e Figura 37 - Planta da Casa da Pequenina Piso_1, do Anexo)**

Além disso, na parte superior da quinta construiu-se um edifício que será um restaurante com esplanada e com vistas para todo o complexo construído e todos os terrenos agrícolas da envolvente.

Ainda e ao longo de uma via de acesso a recuperar, se implantarão casas de habitação T1, de ocupação temporária para alojamento de turistas. **(Figura 38 - Planta de Implantação, do Anexo)**

As pequenas habitações (turismo rural) e um serviço de restaurante se localizam no espaço adjacente à Quinta e que potenciam a relação dos seus utilizadores com a natureza. Outros equipamentos adequados a serviços da quinta, tais como um bar e parque infantil, serão construídos nos espaços adjacentes (ou adaptando outros existentes), fazendo sentido referir os mesmos, pois a sua construção só faz sentido como uma ligação umbilical para o projeto e em função das necessidades sentidas. Todo o projeto integrará soluções de aproveitamento térmico, bem como de isolamento térmico e acústico, aproveitamento de águas pluviais e residuais, bem como integrará coletores solares térmicos e painéis fotovoltaicos que tornem o projeto o mais autossustentável possível e diminuam a dependência energética do local, bem como aproveitem devidamente a água. **(Figura 39 - Perfis da Casa da Pequenina (autor, 2020), do Anexo e Figura 40 - Perfis da Casa da Pequenina (autor, 2020), do Anexo)**

CAPÍTULO 4 – Maquete Final

Este capítulo serve de apresentação da maquete final, em que as imagens da mesma se encontram no anexo **(Figura 41 – Maquete Final, vista de cima, Figura 42 – Maquete Final, vista lateral, Figura 43 – Maquete Final, vista aproximada e Figura 44 – Maquete Final, vista de frente)**

CAPÍTULO 5 – CONCLUSÃO

5.1 – Conclusões Finais

Para este trabalho, o objetivo principal passa por remodelar, reabilitar e recuperar, os edifícios abandonados na aldeia de Aboim da Nóbrega, desenvolvendo aqui uma instalação vocacionada para Turismo no Espaço Rural e ao mesmo tempo que se propunham novas abordagens que tornassem o projeto sustentável.

Depois de desenvolver um trabalho de pesquisa, seguindo uma metodologia adequada ao tema, chega-se à conclusão que o projeto pretendido acima referido é possível e necessário, pois permite não só recuperar uma estrutura, como criar um equipamento assente num projeto sustentável, o qual não só permitirá criar empregos, mas manter ocupados os seus utentes e diminuir o impacto económico do mesmo. Desta forma aumenta-se a qualidade de vida da população, evita-se a sua deslocalização numa fase tardia da sua vida e permite-se ainda criar alguma atratividade para a zona que o projeto abrange:

Aboim da Nóbrega.

Sendo uma freguesia nos limites concelhios, a possibilidade de a população usufruir dos seus próprios aparelhos evita viagens longas e desgastantes, convertendo o projeto numa mais-valia local. Esta é uma das justificações para a construção deste projeto e reabilitação de uma ruína – mas não é a única, pois como se percebe pela leitura deste trabalho, a concretização deste projeto implica uma análise de várias condicionantes, de várias premissas e fatores, bem como ainda de apoios válidos e continuados num contexto sustentado que permitam a sua viabilidade existencial para lá da sua construção e do “momentum” naturalmente criado pela sua inauguração, passa por uma atitude pró-ativa não só na atitude dos próprios utentes, mas na forma como a gestão interpreta a sustentabilidade e utiliza ferramentas inovadoras, quer no espírito da permacultura, quer usando o turismo rural como fonte de receita.

Neste trabalho apresenta-se uma ideia que surgiu com a escolha de um local para um estudo no âmbito do curso; essa mesma ideia assumiu formas com a elaboração dos levantamentos, estudos preliminares e projetos da Casa da Pequeninina e novas construções anexas, desenvolveu-se na presente dissertação, onde se fundamenta a sua escolha e se justificam as propostas apresentadas. Com tudo isto se desenvolveu a oportunidade de aprofundar conhecimentos, de aperfeiçoar e melhor conhecer técnicas e métodos que devem ser aplicados em arquitetura, criando o sonho idealizado.

A proposta aqui feita envolve a população local e serve não só de polo agregador para uma comunidade se rever na sua história, no seu ambiente e sociedade, mas também como foco para permitir que outros explorem a região usufruindo das instalações proporcionadas pelo projeto. Cria-se assim um polo dinamizador para o meio.

Apresenta-se também uma nova ideia de sustentabilidade e de comunidade, a permacultura, à qual se adiciona o mais tradicional turismo de habitação. Ambos servem não só um propósito financeiro, mas também a necessidade de envolver a comunidade de utentes turistas, numa atitude ativa que se mostra, neste trabalho, ser positiva para uma dinamização de uma grande área que se encontra enferma. Cria-se assim uma comunidade ativa onde antes se esperava a passividade, ao mesmo tempo que se apontam novos caminhos para os investimentos deste tipo.

A tudo isto ainda se pode juntar a tentativa de estancar um êxodo rural que se mostra ser notório e se evita a deslocalização das pessoas. No fundo é também isto que se espera de uma obra e um projeto de arquitetura: a capacidade de mudar o rumo da história, de ser arrojado e ser um marco na mudança de ideias e atitudes.

5.2 – Propostas para futuros trabalhos de investigação

A investigação realizada oferece propostas inovadoras: pessoas a trabalhar para a comunidade, abordagens sustentáveis ativas e não passivas, criar uma exploração turística que surge não apenas como um poço de consumo, mas que se apresenta como uma fonte de rendimento! No fundo, propostas polémicas e que necessitam de estudos que reforcem a sua fundamentação, eventualmente que acompanhem o impacto das medidas propostas e os validem ou ofereçam propostas de remodelação. Também a proposta arquitetónica fica incompleta, pois no plano da permacultura fica por muito por propor dado que se trata de propostas de pormenor que tornariam a presente dissertação muito morosa. Fica, por isso, a proposta para uma abordagem mais em pormenor de soluções no âmbito da permacultura que complementem o presente trabalho. Também noutros planos, como o económico e o turístico se pode aprofundar muito do exposto na presente obra, quer atuando no (e para o) centro proposto como em outros projetos similares que aproveitem as mesmas ideias aqui apresentadas. Finalmente propõe-se a realização de estudos, que permitam perceber se o presente plano serve efetivamente a comunidade de Aboim da Nóbrega e como ajudar ainda mais esta mesma comunidade a resolver os seus problemas.

Terminar uma investigação deste tipo não é colocar um ponto final num projeto, é antes iniciar a vida do mesmo, uma vida que tem de ser acompanhada, observada e apoiada, pois só desta forma se assegura a continuidade de um projeto que se concebeu para responder a uma comunidade e servir esta. Importa por isso manter a dinâmica do projeto e não encerrar um capítulo de uma história. Importa saber continuar e tentar agir localmente para responder globalmente às necessidades não só de uma população como de um país, deixando às gerações vindouras uma herança à sua altura.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS CONSULTADAS

A

ATAHCA. (2010). *Núcleo Rural das Encostas das Terras da Nóbrega*. Vila Verde: Gráfica Vilaverdense.

B

Barille, M. (2010). *O sentido dos lugares*. Vila Nova de Cerveira: Forum Cultura Vila Nova de Cerveira.

C

Cardoso, M. M. (2004). *Aldeias Históricas*. Lisboa: Inapa.

M

Medeiros, C. A. (2015). *Geografia de Portugal 2 - Sociedade Paisagens e Cidades*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.

Medeiros, C. A. (2015). *Geografia de Portugal 3 - Actividades Económicas e Espaço Geográfico*. Lisboa: Circulo de Leitores.

Mollison, B. (1988). *Permaculture - A designer's Manual*. Tasmania: Tagari Publications.

N

Neves, A. O. (2008). *Estudo de Caracterização do Turismo no Espaço Rural e do Turismo de Natureza em Portugal*. Lisboa: instituto de estudos sociais e económicos (iese).

P

Panoramio. (23 de Junho de 2012). Aboim da Nóbrega. Aboim da Nóbrega.

Peixoto, P. (1998). Os meios rurais e a descoberta do património. *Conversas à volta das estrelas*. Tondela.

Pfeiffer, B. B. (2013). *Wright*. Köln: Taschen.

Verbo. (1963). Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura. In Verbo, *Enciclopédia Lusobrasileira de Cultura*. Lisboa: Verbo.

WEBSITES CONSULTADOS

A

Advita. (s.d.). *Advita*. Obtido em 26 de 06 de 2020, de Advita: <https://www.advita.pt/userfiles/file/Envelhecimento%20em%20PT%20estatistica.pdf>

Afonso, F. (02 de 03 de 2020). <http://www.ivt-rj.net>. Obtido em 13 de 06 de 2020, de Instituto Virtual do Turismo: http://www.google.pt/imgres?start=367&um=1&hl=ptPT&biw=1600&bih=732&tbm=isch&tbnid=dXSDq5cLeuwaOM:&imgrefurl=http://www.ivtrj.net/ivt/pagina.aspx%3Fid%3D289%26ws%3D0&docid=dnbqDCNqTf_z7M&imgurl=http://www.ivt-rj.net/ivt/edt/upl/livro_tbc/mapa_brasil.jpg

Afonso, J. (26 de 07 de 2019). <http://www.caritas.pt>. Obtido em 11 de 7 de 2019, de caritas: http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=ptPT&sa=X&biw=1600&bih=732&tbm=isch&tbnid=TkQxnsGHDpixxM:&imgrefurl=http://www.caritas.pt/site/nacional/index.php%3Foption%3Dcom_content%26view%3Darticle%26id%3D3617:repensar-o-conceito-de-envelhecimento-activo%26catid

Afonso, P. (18 de 05 de 2018). *blogspot.com*. Obtido em 02 de 06 de 2018, de <http://concelhodeesposende.blogspot.com>: http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=ptPT&biw=1600&bih=732&tbm=isch&tbnid=hYNaBDrkwZsl-europeu.html&docid=VZILvH_mivjqOM&imgurl=http://4.bp.blogspot.com/-3Z_x0_QF

Almeida, J. (24 de 07 de 2019). <http://www.dn.pt>. Obtido em 10 de 06 de 2019, de Diário de Notícias: <http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=pt->

PT&sa=N&biw=1600&bih=732&tbm=isch&tbnid=3NZYH_J33Fmr5M:&imgrefurl=http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx%3Fcontent_id%3D1316080%26secao%3DCentro&docid=B6v2Lpp41zu9xM&imgurl=http://www.dn.pt/storage/ng1169782

Ambiental, P. e. (31 de 05 de 2016). =<http://pegambiental.blogspot.com>. Obtido em 13 de 06 de 2012, de pegambiental.blogspot:
http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=ptPT&sa=X&biw=1600&bih=732&tbs=isz:m&tbm=isch&tbnid=gtKsMu9k6YspDM:&imgrefurl=http://pegambiental.blogspot.com/2019_05_01_archive.html&docid=Ben-9tFpYedKkM&imgurl=http://3.bp.blogspot.com/_ZUj_KP7MZrg/TAR-YHVsqzI/AAAAA

Araujo, N. (09 de 05 de 2015). <http://www.cm-resende.pt>. Obtido em 05 de 06 de 2015, de Município de Resende:
<http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=pt-PT&sa=X&biw=1600&bih=732&tbs=isz:m&tbm=isch&tbnid=MjfXKtH2xIDzuM:&imgrefurl=http://www.cmresende.pt/index.php%3Foid%3D9374%26op%3Dall&docid=NsfQ2EgZJ9mI3M&imgurl=http://www.cm-resende.pt/files/93/9375.jpg&w=800&h=53>

ATAHCA. (03 de 10 de 2019). Obtido de Ambiente, Património e Sistemas Produtivos.

B

Bagnato, V. S. (16 de 02 de 2019). www.revistapesquisa2.fapesp.br. Obtido em 10 de 05 de 2019, de revistapesquisa2.fapesp:
http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=ptPT&sa=N&biw=1600&bih=732&tbm=isch&tbnid=EAT_b_f8aQNwIM:&imgrefurl=http://www.revistapesquisa2.fapesp.br/%3Fart%3D4531%26bd%3D2%26pg%3D1%26lg%3D&docid=Xshz6E-iJuxFbM&imgurl=http://www.revistapesquisa2.fapesp.br/imgsit

Biotope, T. H. (25 de 06 de 2020). *Tamera Healing Biotope*. Obtido em 10 de 06 de 2020, de Tamera : <http://www.tamera.org/index.php?id=1&L=0>

Bitó. (10 de 03 de 2017). <http://acaminhodesantiago.wordpress.com>. Obtido em 05 de 06 de 2017, de A caminho de Santiago:
<http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=ptPT&biw=1600&bih=732&tbs=isz:m&tb>

m=isch&tbnid=I6GvLKSc0zxOLM:&imgrefurl=http://acaminhodesantiago.wordpress.com/ocaminho/&docid=WFLBjOJxmZDjPM&imgurl=http://acaminhodesantiago.files.wordpress.com/2008/03/caminho-pt_n

C

Castro, F. (11 de 10 de 2017). <http://cultivarbiodiversidade.blogspot.com>. Obtido em 04 de 05 de 2017, de cultivarbiodiversidade.blogspot:

<http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=pt-PT&sa=X&biw=1600&bih=732&tbs=isz:m&tbm=isch&tbnid=YsmhUj3olElrOM:&imgrefurl=http://cultivarbiodiversidade.blogspot.com/2010/11/agricultura-biologica-desafios-emetas.html&docid=HDROIVKULigvqM&imgurl=http://1.bp.blogs>

Castro, N. (13 de 02 de 2018). <http://sinaisdefumacao.blogspot.com>. Obtido em 14 de 06 de 2012, de Sinais de fumaça:

http://www.google.pt/imgres?start=334&um=1&hl=pt-PT&sa=X&biw=1600&bih=732&tbs=isz:m&tbm=isch&tbnid=JnUXIGv_SIITKM:&imgrefurl=http://sinaisdefumacao.blogspot.com/2010/06/permaculturaurbana.html&docid=pVeAOWvB5XOq3M&imgurl=http://3.bp.blogspot.com/_oab6AtU

E

Europa.union. (s.d.). Obtido em 24 de 06 de 2019, de <http://europa.eu/ey2012/ey2012main.jsp?catId=989&langId=pt>

Europa.union. (s.d.). Obtido em 27 de 06 de 2019, de <http://europa.eu/ey2012/ey2012main.jsp?catId=971&langId=pt>

Europeia, U. (s.d.). *Ano Europeu do Envelhecimento Activo e da Solidariedade entre Gerações.* Obtido em 28 de 06 de 2019, de <http://europa.eu/ey2012/ey2012main.jsp?catId=971&langId=pt>

Exército, I. G. (12 de 10 de 2009). Obtido em 20 de 12 de 2015

F

Faria, J. (28 de 05 de 2017). <http://restosdecoleccion.blogspot.com>. Obtido em 15 de 05 de 2017, de restosdecoleccion.blogspot:

<http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=ptPT&cr=countryPT&sa=N&pwst=1&biw=1600&bih=732&tbs=ctr:countryPT&tbm=isch&prmd=i>

mvns&tbnid=9VAcQQKw5pkMOM:&imgrefurl=http://restosdecoleccion.blogspot.com/2010/05/banco-de-portugal.html&docid=1DQMQRcLRTgrRM&imgurl=http:

Fontes, L. (24 de 05 de 2005). <http://www.padrefontes.com>. Obtido em 10 de 06 de 2012, de Escapadelas.com: http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=pt-PT&sa=N&biw=1600&bih=732&tbnid=PV8-W1NCHBVNUM:&imgrefurl=http://escapadelas.com/artigo/hotel-rural-senhora-remediosmourilhe-montalegre&docid=HWK0p-KGNSZ_ZM&imgurl=http://www.padrefontes.com/imagens/total1.j

H

Hengerinaques. (16 de 03 de 2012). <http://5l-henrique.blogspot.com>. Obtido em 12 de 05 de 2012, de diocese-de-braganca-miranda-esta: <http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=pt->

Holmgren, D. (s.d.). *Común Tierra*. Obtido em 02 de Agosto de 2016, de

<http://www.comuntierra.org/site/>:

http://www.comuntierra.org/site/downloads.php?id=13&id_idioma=1guiasensinam-a-criar-negocios

I

INE. (25 de 03 de 2020). Obtido em 20 de 08 de 2020

INE. (20 de 03 de 2020). Obtido em 20 de 08 de 2020

Instituto de Gestão do Fundo Social Europeu. (s.d.). Obtido em 23 de 06 de 2020, de <http://www.igfse.pt/news.asp?startAt=1&categoryID=281&newsID=2485>

M

Maior, P. (20 de 01 de 2019). <http://www.portugalmaior.fil.pt/>. Obtido em 23 de 05 de 2019, de portugalmaior: <http://www.portugalmaior.fil.pt/>

Milharado, R. (08 de 01 de 2009). <http://www.maxitrailsportugal.com>. Obtido em 03 de 09 de 2020, de Maxi Trails Portugal:

http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=ptPT&sa=X&biw=1600&bih=732&tbs=isz:m&tbnid=0DxA2Zy8sry_5M:&imgrefurl=http://www.maxitrailsportugal.com/t213-mais-uma-foto-cronica-do-passeio-apidao&docid=bOjS2whpFIqj0M&imgurl=http://img405.imageshack.us/img

Ministério da Agricultura. (s.d.). Obtido em 29 de 06 de 2015, de
http://www.drapn.minagricultura.pt/europedirect/destaques2012/solidariedade_2012.php

N

n/d. (06 de 06 de 2006). *www.aboimdanobrega.com*. Obtido em 23 de 05 de 2015, de aboimdanobrega: http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=pt-PT&sa=N&biw=1600&bih=732&tbm=isch&tbid=z2gW2Cjy1igmaM:&imgrefurl=http://www.aboimdanobrega.com/index.php%3Foption%3Dcom_content%26task%3Dview%26id%3D65&docid=mAtA5BqiYi2hYM&imgurl=http://www.aboimdanobrega.com/image

n/d. (06 de 05 de 2014). <http://www.aboimdanobrega.com>. Obtido em 20 de 06 de 2014, de aboim da nobrega:
http://www.aboimdanobrega.com/index.php?option=com_content&task=view&id=12&Itemid=76

Natureza, P. p. (06 de 05 de 2013). <http://pga.eco-gaia.net>. Obtido em 23 de 06 de 2015, de Partido pelo sAnimais e Natureza:
http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=ptPT&sa=N&biw=1600&bih=732&tbm=isch&tbid=19r0wjtby8Z6hM:&imgrefurl=http://pga.eco-gaia.net/node/107&docid=kfQNxW4niYF6IM&imgurl=http://web-album.ecogaia.net/albums/rpe-napermacultura/_lq_ilust_index.gif&w=541&h=188&e

Network, G. E. (06 de 03 de 2018). *Global Ecovillage Network*. Obtido em 04 de 06 de 2018, de Global Ecovillage Network: <http://gen.ecovillage.org/>

Nigro, E. (03 de 01 de 2012). <http://coisadevelho.com.br>. Obtido em 21 de 05 de 2015, de coisadevelho: <http://coisadevelho.com.br/wp-content/uploads/2012/01/2015.jpg>

O

OMS. (s.d.). Obtido em 02 de 07 de 2012, de
http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/who_nmh_nph_02.8.pdf

P

Pais, P. (10 de 05 de 2020). *http://* Obtido em 02 de 07 de 2020, de Aldeia da minha vida:

http://www.google.pt/imgres?num=10&um=1&hl=ptPT&biw=1600&bih=732&tbs=isz:m&tbm=isch&tbnid=ZlpyCVmTmsbWBM:&imgrefurl=http://aldeiadaminhavida.blogspot.com/2009/06/monsanto-aldeia-da-catarina.html&docid=Q3c8hCsaeJ0tdM&imgurl=http://3.bp.blogspot.com/_6Xrh5

Pilot, C. P. (15 de 02 de 2012). *http://reddepermaculturaiberica.pbworks.com*.

Obtido em 25 de 06 de 2016, de Portugal:

<http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=ptPT&biw=1600&bih=732&tbm=isch&tbnid=MetKKTaMmu2JM:&imgrefurl=http://reddepermaculturaiberica.pbworks.com/w/page/13844772/Portugal&docid=Qg06OfGZAe->

[JQM&imgurl=http://reddepermaculturaiberica.pbworks.com/f/Slide1.JPG&w](http://reddepermaculturaiberica.pbworks.com/f/Slide1.JPG&w)

Pinto, L. A. (29 de 02 de 2012). *www.gulbenkian.pt*. Obtido em 18 de 05 de 2012,

de gulbenkian: <http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=pt->

[PT&sa=N&biw=1600&bih=732&tbm=isch&tbnid=N2JLw8gSvmUL1M:&imgrefurl=http://www.gulbenkian.pt/section154artId3514langId1.html&docid=IvVfoNe6Q-](http://www.gulbenkian.pt/section154artId3514langId1.html&docid=IvVfoNe6Q-)

[joBM&imgurl=http://gulbenkian.mediadepo.net/media/files/fundacao/programas/PG](http://gulbenkian.mediadepo.net/media/files/fundacao/programas/PG)

Pordata. (s.d.). *Pordata*. Obtido em 28 de 06 de 2012, de Pordata:

<http://www.pordata.pt/Portugal/Esperanca+de+vida+a+nascenca+total+e+por+sexo-418>

R

Rede, F. (15 de 05 de 2012). *http://flashrede.blogspot.com*. Obtido em 03 de 07

de 2012, de flashrede.blogspot: <http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=pt->

[PT&sa=N&biw=1600&bih=732&tbm=isch&tbnid=X5pNcgt0CA8QkM:&imgrefurl=http://flashrede.blogspot.com/2012/05/amanha-no-porto-empreededorismo-e.html&docid=dVIyAt7ua2nz1M&imgurl=http://3.bp.blogspot.com/-](http://flashrede.blogspot.com/2012/05/amanha-no-porto-empreededorismo-e.html&docid=dVIyAt7ua2nz1M&imgurl=http://3.bp.blogspot.com/-)

[HulqTGxEZMQ/T7KwPI](http://3.bp.blogspot.com/-HulqTGxEZMQ/T7KwPI)

Ribeiro, F. (22 de 03 de 2005). *http://chavesantiga.blogs.sapo.pt*. Obtido em 22

de 05 de 2012, de chaves antiga:

<http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=ptPT&sa=N&biw=1600&bih=732&tbm=isch&tbnid=K5pqhnhEG6tCcM:&imgrefurl=http://chav>

esantiga.blogs.sapo.pt/2005/03/%3Fpage%3D2&docid=ARndjZIEOed9NM&imgurl
=http://c_havesantiga.blogs.sapo.pt/arquivo/Madalena-PVT--.jpg&w=469&h
PT&biw=999&bih=667&tbm=isch&tbnid=Ef1yCwj1RF4uXM:&imgrefurl=http://nad
ilimpe.webs.com/sobrens.htm&docid=i0hHVkNcRU7LDM&imgurl=http://www.sam
sic.fr/international/S_amsicGro

S

Santos, L. (20 de 05 de 2011). *http://farm1.static.flickr.com*. Obtido em 06 de 06
de 2012, de Flickrriver: http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=pt-PT&sa=N&biw=1600&bih=732&tbm=isch&tbnid=X8-y1kCLAA2snM:&imgrefurl=http://www.flickrriver.com/photos/vitor107/sets/1419505/&docid=oY1F2n2CJrG-ZM&imgurl=http://farm1.static.flickr.com/92/247323126_34df83ea4b.jpg&w=500&h

Silva, L. (s.d.). *Os impactos do turismo em espaço rural*. Obtido em 3 de Agosto
de 2012, de Universidade de Coimbra:
http://www.uc.pt/en/cia/publica/AP_artigos/AP22.23.13_Silva.pdf

W

Wikipedia. (s.d.). Obtido em 12 de 07 de 2012, de
[wikipedia.org: http://pt.wikipedia.org/wiki/Permacultura](http://pt.wikipedia.org/wiki/Permacultura)



ANEXOS



Figura 1 - Política de Permacultura (Ambiental, 2015)

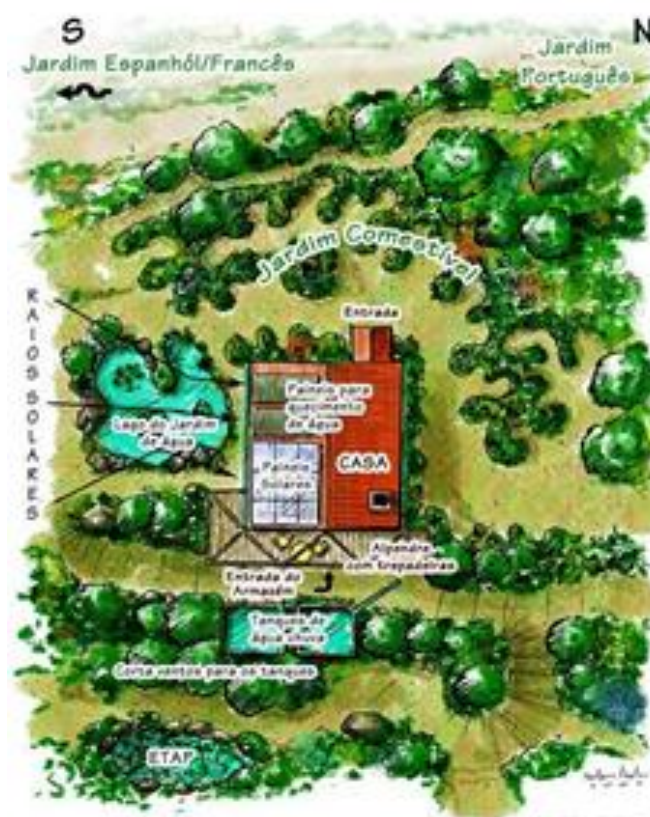


Figura 2 - Planeamento da Permacultura (Natureza, 2015)

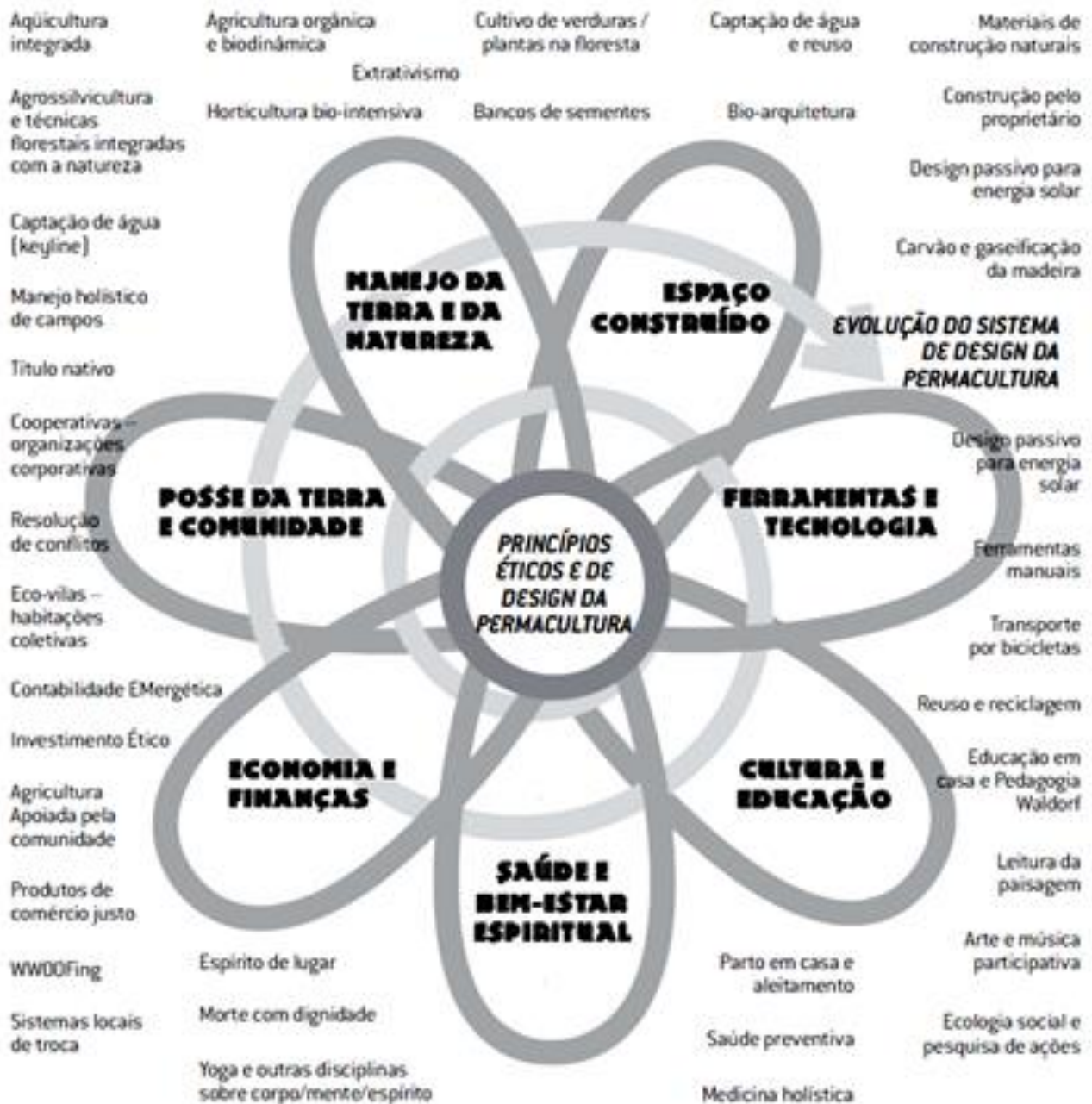


Figura 3 - A Flor da Permacultura (Halmgren p.2)

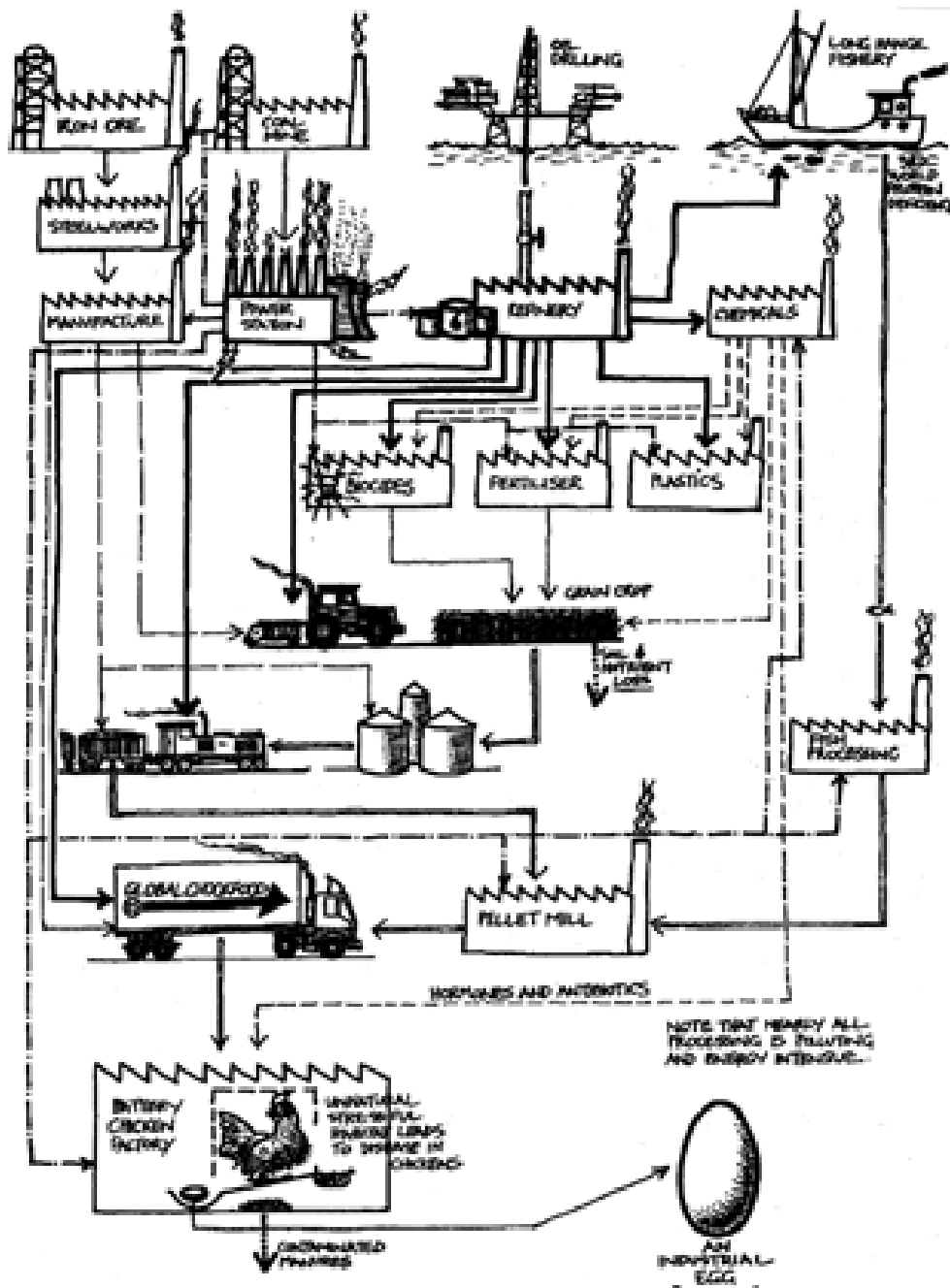


Figura 4 - Obtenção de um ovo pela forma industrial (Mallison, 1988, p.24)

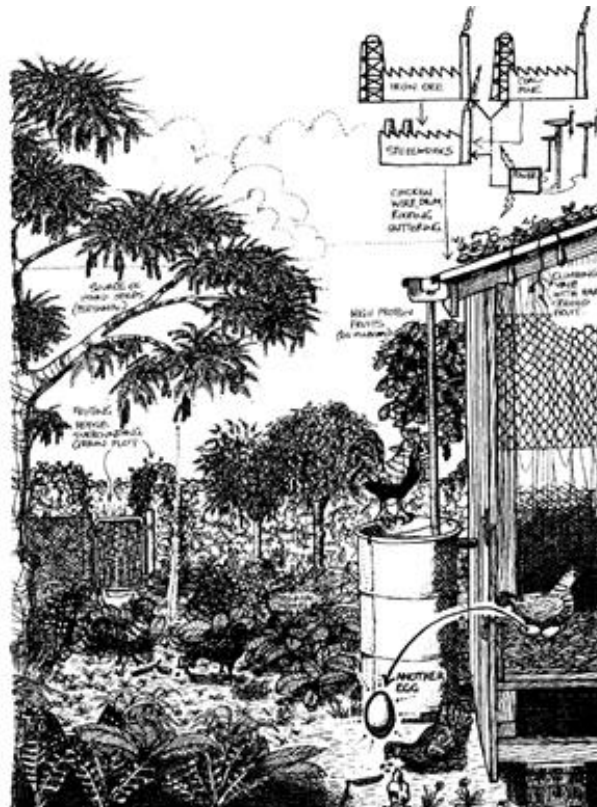


Figura 5 - Sua interpretação da obtenção de um ovo pela permacultura (Mallison, 1988, p. 25)



Figura 6 - Rede de Permacultura em Portugal (Pilot. 2012)



Figura 7 - Rede da Permacultura no Brasil (Afonso F. 2012)



Figura 8 - Tormes, Baião (Araújo, 2012)



Figura 9 - Permacultura, Rotação das Culturas (Castro F. 2011)



Figura 10 - Caminho Português para Santiago de Compostela (Bito, 2016)



Figura 11 - Aldeia de Monsanto (Pais, 2009)



Figura 12 - Aldeia de Piodão (Milharado, 2009)



Figura 13 - Linhares da Beira (Santos, 2011)



Figura 14 - Hotel Rural Senhora dos Remédios - Mourilhe, Montalegre (Fontes, 2005)



Figura 15 - Desenvolvimento Sustentável (Samsic, 2010)



Figura 16 - Hipsometria de Vila Verde

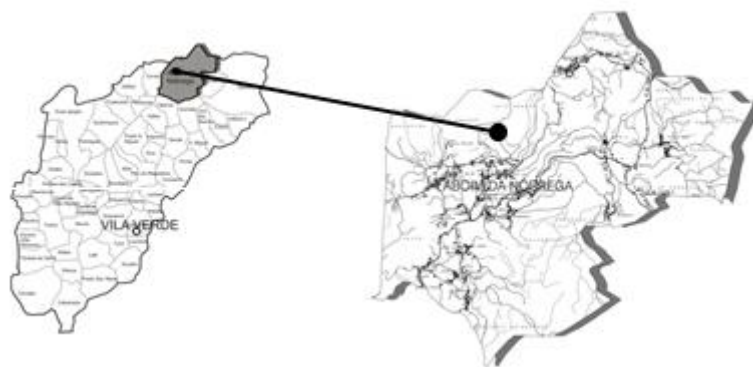


Figura 17 - Concelho de Vila Verde. Freguesia de Aboim da Nóbrega (autor, 2012)

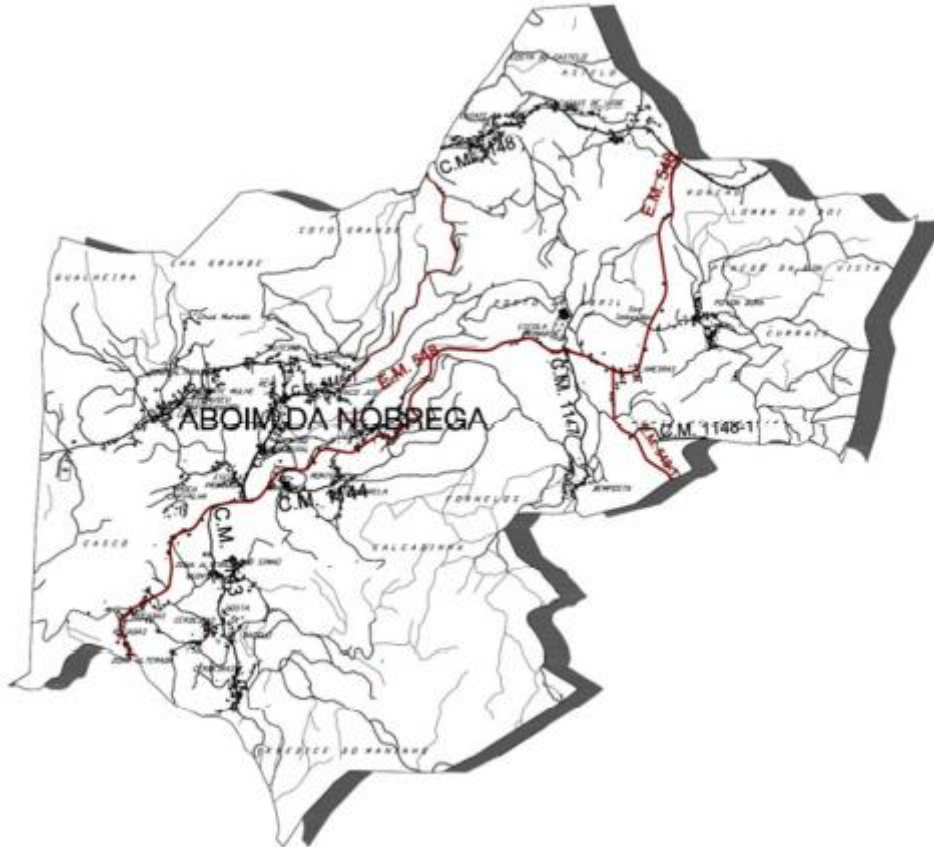


Figura 18 - Aboim da Nóbrega - Acessibilidade (autor, 2012)



Figura 19 - Subzona de meia-encosta Aboim da Nóbrega (autor, 2020)



Figura 20 - Subzona de montanha Aboim da Nóbrega

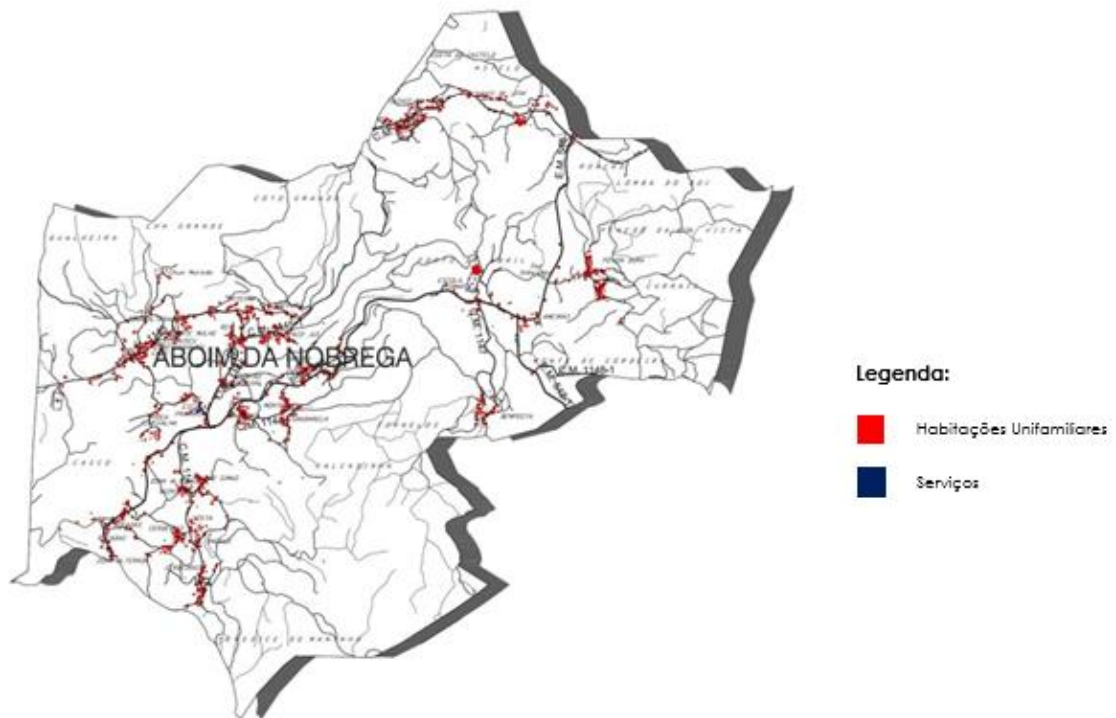


Figura 21 - Aboim Nóbrega - Tipologia do Edificado (autor, 2012)

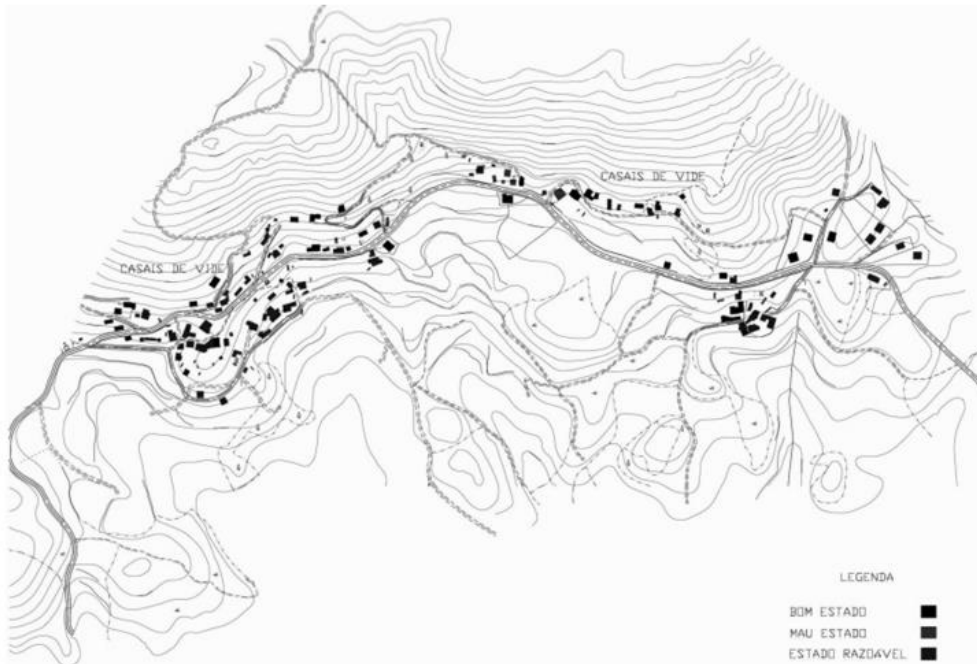


Figura 22 - Estado de Conservação (autor, 2012)



Figura 23 - Casa da Nóbrega, Casais de Vide (autor, 2019)



Figura 24 - Giesta Amarela (autor, 2012)



Figura 25 - Giesta Branca (autor, 2012)



Figura 26 - Paisagem de Aboim da Nóbrega (autor, 2015)



Figura 27 - Praia Fluvial - Aboim da Nóbrega (autor, 2020)



Figura 28 - Igreja Matriz - Aboim da Nóbrega (autor, 2018)



Figura 29 - Casa da Pequenina (autor, 2020)



Figura 30 - Terrenos Agrícolas - Casais de Vide (autor, 2020)

Novos Rumos da Sustentabilidade e Turismo de Habitação/Rural – A Casa da Pequenina /Aboim da Nóbrega Vila Verde - Braga

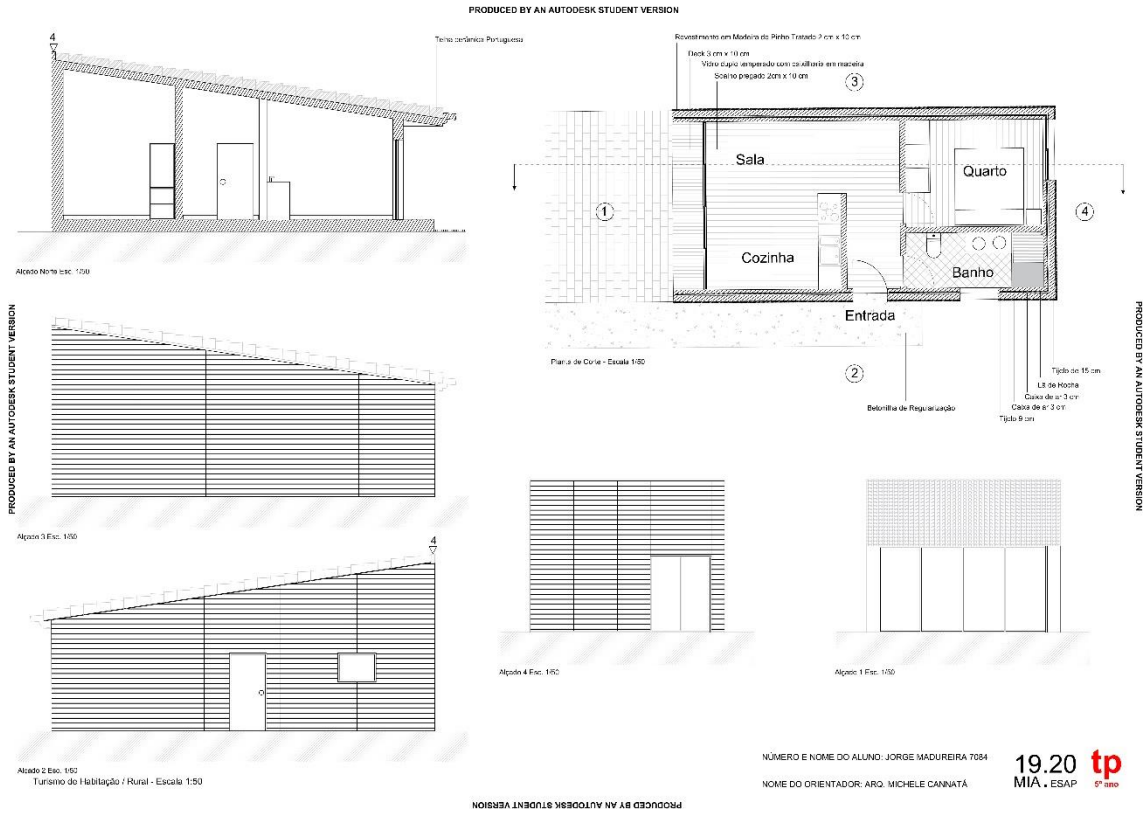


Figura 34 - Proposta o Turismo Rural



Figura 35 - Casa da Pequenina 2 (autor, 2020)

Novos Rumos da Sustentabilidade e Turismo de Habitação/Rural – A Casa da Pequenina
/Aboim da Nóbrega Vila Verde - Braga

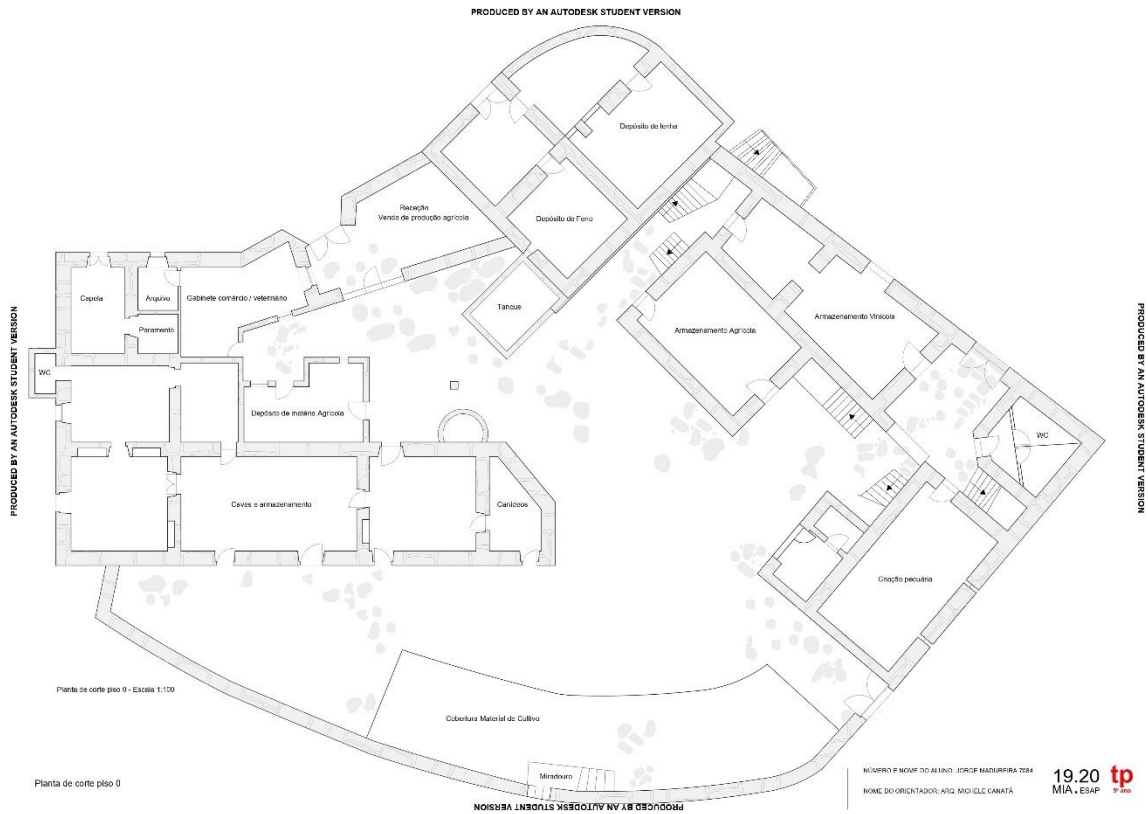


Figura 36 - Planta da Casa da Pequenina Piso_0

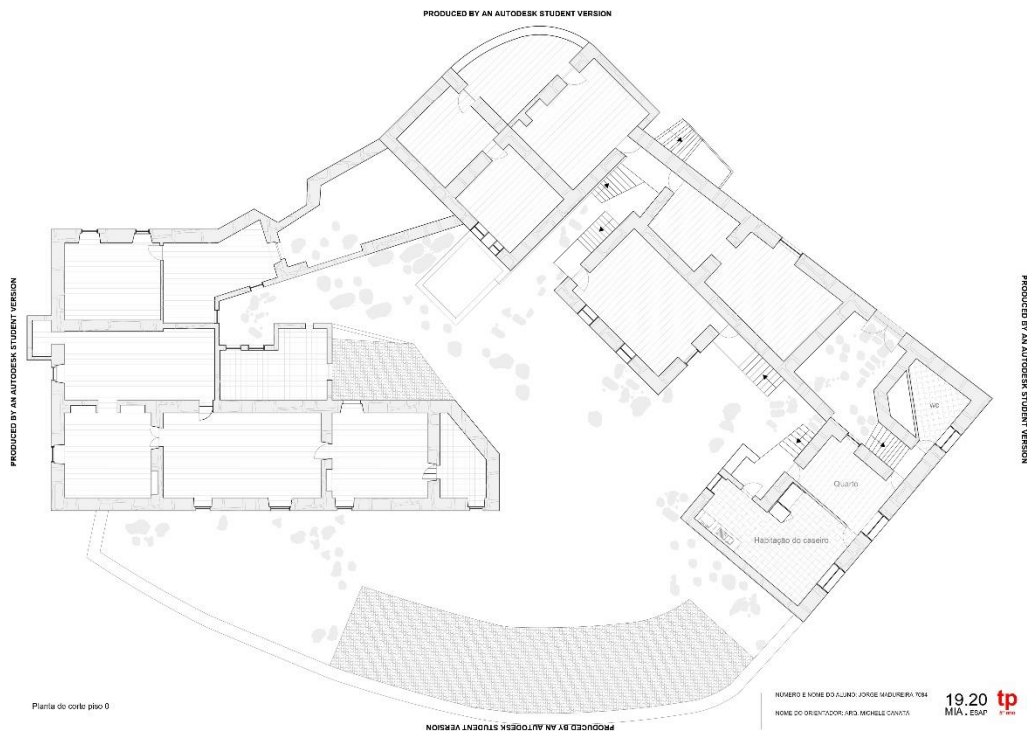


Figura 37 - Planta da Casa da Pequenina Piso_1

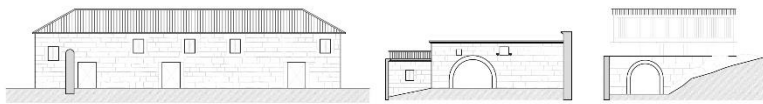


Figura 40 - Perfis da Casa da Pequenina (autor, 2020)



Figura 41 -Maquete Final, vista de cima



Figura 42 - Maquete Final, vista lateral



Figura 43 - Maquete Final, vista aproximada



Figura 44 - Maquete Final, vista de frente

